



# Ministério

## Adventista



Setembro-Outubro de 1962



# Para tal Tempo Como Êste

(Ester 4:14, ú. p.)

ENOCH DE OLIVEIRA

Deus nos deu o privilégio de exercermos nosso ministério numa época de grande significação histórica. Jamais houve um tempo semelhante a êste. Que privilégio é pregar a tríplice mensagem angélica em nossos dias! A esperança da segunda vinda de Cristo e a certeza de que a hora do juízo se aproxima, devem ser proclamadas. E esta proclamação depende de nós. As grandes cidades, como também os povoados e vilas, até os lugares mais afastados, devem ser iluminados pelo brilho da pregação adventista. Deus espera de cada um de Seus mensageiros uma obra poderosa, dinâmica, repleta de fogo e poder. Encontraremos possivelmente obstáculos e dificuldades de toda espécie, mas com força e ânimo devemos continuar partilhando com a multidão, as riquezas insondáveis de Cristo.

Sim, êste é um momento de grande significado histórico. Que privilégio é o nosso de podermos servir a Deus num "tempo como êste"!

Houve na história da igreja grandes momentos, mas nenhum deles se pode comparar em importância com o atual.

Quando José foi eleito governador do Egito, sem dúvida foi um momento histórico. Deus o chamou para uma grande obra: "para conservar em vida a um povo grande". Quando, injustamente aprisionado por causa de sua integridade moral, não abandonou seu propósito de servir a Deus. e "tudo o que êle fazia o Senhor prosperava em sua mão" (Gên. 39:3). Sim, grande foi a oportunidade que Deus lhe concedeu para preservar a vida dos egípcios e de seu próprio povo, salvando-os da miséria e da fome.

Deus nos confiou, sem dúvida uma obra de maior alcance do que a confiada a José: salvar um povo grande da morte espiritual. A fome constituiu um dos problemas mais alarmantes de nossos dias.

Não ignoramos que no mundo hodierno grandes multidões se encontram aprisionadas pelo cruel cinturão da fome. Para Daniel Rops, em nossos dias "350 milhões de pessoas estão ameaçadas pela fome". Esta realidade tão dura e comovente deve encher de pesar nosso coração.

Indubitavelmente, de efeito mais dantesco e de conseqüências mais ruinosas é a fome espiritual predita de maneira impressionante pelo profeta Amós: "Eis que vem dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a Terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor." (Amós 8:11.)

Presenciamos em nossos dias o cumprimento parcial desta predição profética. Multidões afligidas adoecem na mais dolorosa inanição espiritual. Na presente ocasião, as divinas palavras ressoam com um significado nôvo e profundo: "Dai-lhes vós de comer".

Milhões sucumbem ante a falta de alimento necessário para suprir as necessidades da alma. Porém nós, que recebemos o pão da vida, temos a responsabilidade de repartir êste alimento celestial, à semelhança dos discípulos, com os famintos, com os que estão definhando sem Deus e sem esperança no mundo.

Que estamos fazendo? Faz-se ouvir agora a terna voz de Jesus com extraordinária ressonância: "Dai-lhes vós de comer".

Uma senhora, certa vez, estava participando das bênçãos do serviço da Santa Ceia numa pequena igreja. Depois do pão haver sido distribuído, o pastor oficiante fez algumas perguntas: "Foi alguém esquecido? Todos receberam o pão?" Enquanto aquela piedosa senhora orava com o pão na mão, começou a meditar nas perguntas do ministro. Todos receberam o pão? Lembrou-se das multidões que vivem famintas, mais do pão que nutre a alma. Havia sim, multidões sem Pão do Céu, massas humanas sem Cristo. "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás." (Ecles. 11:1.)

Grande foi o momento em que Ester, a pedido de Mardoqueu, compareceu diante do rei para interceder pela vida de seu povo. Sobre ela pesava uma grande responsabilidade, entretanto esquecendo-se de sua própria vida, disse: "Irei ter com o rei, . . . e, perecendo, pereço". Aproveitou a oportunidade, aceitou a responsabilidade e, no temor de Deus cumpriu seu dever.

Deus nos confiou a responsabilidade de salvar um povo da destruição dêste mundo para o eterno lar celestial.

Ao folhear o fichário de um dos nossos colégios, deparei-me com o lema que a turma de formandos do curso Teológico de 1933 havia escolhido, as mesmas palavras de Ester: "E perecendo, pereço". Procurei ver a lista dos que se haviam graduado e, para meu grande assombro, verifiquei que dos sete formandos apenas dois continuavam no ministério. Quatro dêles seguiram os passos de Demas; renunciaram a Cristo "amando o presente século." Ho-

(Continua na pág. 22)



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia  
Editado pela

Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Lutz Waldvogel  
Redator — Arnaldo B. Christianini  
Colaborador especial:  
J. J. Aitken

**Brasil**

Assinatura Anual ..... Cr\$ 500,00  
Número Avulso ..... Cr\$ 85,00

**Estrangeiro**

Assinatura Anual ..... US\$ 2,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,35



Ano 27 ..... No. 5

**DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

"Para Tal Tempo Como Este" ... Enoch de Oliveira ..... 2

**ILUSTRAÇÕES**

Olhos Para Ver ..... 3  
Vitória Por Meio de Cristo ..... 3

**ARTIGOS GERAIS**

A Paternidade e a Filiação Divinas ..... 4  
Oscar Lindqvist  
A Natureza e a Encarnação de Cristo ..... 8  
A. V. Olson

**OBRA PASTORAL**

O Preparo Para a Obra da Pregação ..... 11  
Honório Perdomo  
Código de Ética Profissional do Obreiro Adventista ..... 12  
J. Humberto Cairus

**EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS**

Como Deus Prepara um Ministro ..... 14  
J. L. Shuler  
A Base das Decisões Genuínas ..... 17  
Melvin E. Mathers

**PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA**

O Dom de Línguas ..... 19  
Victor E. Ampuero Matta

**OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA** ..... 21

**MISCELANEA** ..... 23

**NOTÍCIAS DA IMPRENSA** ..... 24



# Ilustrações

## Olhos Para Ver

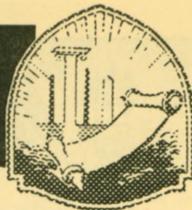
KEITH L. BROOKS  
Illustrations for Preachers and Speakers

CERTA noite na extremidade oriental de Londres, um jovem médico ia apagar as luzes da sala da missão em que trabalhava. Encontrou um menino maltrapilho, escondido num canto escuro, que implorou lhe fosse permitido ali pernoitar. O médico levou o menino desamparado para seu próprio quarto, deu-lhe alimento e procurou saber sua história. Ouviu então que o garoto vivia num depósito de carvão com uma porção de outros meninos. Conseguiu convencê-lo para que lhe mostrasse onde se encontravam estes meninos. Foram por uma rua estreita e finalmente chegaram a uma abertura na parede de uma fábrica. "Olhe aí", disse êle. O médico acendeu um fósforo, e olhando ao redor, penetrou no depósito. Finalmente encontrou treze meninos com apenas uns poucos cobertores já velhos para lhes protegerem do frio. Um garoto estava abraçando seu irmãozinho de quatro anos de idade. Todos dormiam profundo sono. O médico então obteve uma visão e esta foi de trabalhar para seu Senhor. Cuidou destes meninos e iniciou o "Lar Bernardo" para as crianças abandonadas. Por ocasião da morte do Dr. Bernardo, os jornais anunciaram que acolhera e circundara de uma atmosfera cristã perto de 80.000 meninos e meninas desprovidos de lar. Centenas deles tornaram-se excelentes cidadãos cristãos. Oh, como devíamos ter olhos para ver os necessitados ao nosso redor.

## Vitória por Meio de Cristo

KEITH L. BROOKS  
Illustrations for Preachers and Speakers

NUMA grande cerâmica, o capataz João Foster, era cristão, e uma grande tentação lhe sobreveio enquanto se ocupava no trabalho. O gerente da firma, que sempre preparava suas fórmulas num quatinho à parte, fôra chamado, e descuidadamente deixara seu livro de fórmulas aberto em sua escrivaninha. Foster tinha que ir àquele lugar para buscar algumas tintas, e viu aberto diante de si o inestimável livro de fórmulas. Continha segredos de imenso valor e poderia apressadamente copiar alguns deles. Havia uma porção de homens que de bom grado entrariam em sociedade com êle se pudessem produzir uma porcelana idêntica à feita por esta célebre cerâmica. Poderia tornar-se rico. Muitos pensamentos do que poderia acontecer lhe passaram pela mente, entretanto imediatamente a luta cessou, pois olhara para cima. Fechou o livrinho e erguendo-o, disse para si mesmo: "Aleluia! Vitória por meio de Cristo!" Dirigiu-se ao gerente e entregou-lhe o livro. Permaneceu por muitos anos na firma com humilde decorador, mas havia verdadeira alegria em seu coração por saber que procedera retamente para com Deus.



## A Paternidade e a Filiação Divinas

OSCAR LINDQVIST

(Presidente da Missão Mato-grossense)



SOMOS advertidos de que "far-nos-ia bem passar diàriamente uma hora a refletir sôbre a vida de Jesus" (1). Os resultados de uma ação destas são-nos apresentados assim: "E a vida eterna é esta: que... conheçam a Jesus Cristo, a quem enviastes" (2) e "conhecer a Deus é amá-Lo" (3), "pois andou fazendo o bem e curando todos os oprimidos..." (4). O poder subjacente desta, sôbre a vida dos homens é tal que "quando fôr levantado da Terra, a todos atrairei a Mim" (5), o que nos levaria a "sermos transformados de glória em glória na mesma imagem" (6). E não é êste o grande objetivo da vida? "Restaurar no homem a imagem de seu Autor... tal deveria ser a obra da redenção" (7). Tudo isto e muito mais ainda será a bênção de um estudo cristológico, pois é Seu desejo de "poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo..." (8).

### A Perfeita União da Divindade

É difícil à finita mente humana penetrar a infinita verdade da perfeita união da Divindade. Podemos apenas divisar vislumbres, pálidos reflexos. "Eu e o Pai somos um", (9) é o ensino d'Aquêle que "estava no princípio com Deus", "antes de Suas obras mais antigas, desde a eternidade...", do "Verbo", que "estava com Deus e que era Deus" (10). "O Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai, um em natureza, caráter e propósito" (11).

Desta perfeita união diz M. L. Andreasen: "Como é o Pai assim é o Filho — um em essência, um em caráter, um em propósito e pensamento...". "Quem Me vê a Mim, vê o Pai." S. João 14:9, (12) é o grande mistério da Divindade. Insondável, incompreensível. "O mais elevado intellecto pode esforçar-se até à exaustão em conjeturas concernentes a Deus, mas infrutíferos serão os esforços. Esse problema não nos foi dado a solver. Nenhuma mente humana pode compreender a Deus" (13). "Nenhuma mente finita pode compreender completamente a existência, o poder, a sabedoria ou

as obras do Ser infinito... Os mais poderosos intellectos da Terra não podem compreender a Deus. Os homens podem estar sempre a pesquisar, sempre a aprender, e ainda há, para além, o infinito" (14).

Otto H. Cristensen sugere mesmo que a "sua eterna relação era mais íntima do que a de pai e filho, mas que para nossa compreensão e salvação assumiram esta relação" (15).

A unidade do Verbo com as outras pessoas da Trindade é ainda claramente visível no uso do nome Jeová (Yahweh — como daqui para diante o grafaremos), aplicado no Velho Testamento a ambos.

"Êste nome augusto... não pode ser aplicado a qualquer outro ser, senão ao Ser supremo. É igualmente intraduzível. Não existe terno equivalente em outras línguas. Assim, quando o apóstolo o verteu para o grego, escreveu: 'Aquêle que era e é e há de ser'. Há três variantes dêste nome glorioso: — Ja, Eja e Jeová. Serle diz que o primeiro implica existência absoluta. Significa ÊLE E. Apenas ocorre uma vez, em Salmo 68:4. O segundo, Eja, estando no tempo futuro, significa ÊLE SERÁ. Ocorre igualmente apenas uma vez e isto em Êxodo 3:14, onde é traduzido por EU SOU O QUE SOU. A terceira variante é Jeová e inclui o passado, o presente e o futuro" (16). Há no Velho Testamento mais de 6.000 ocorrências dêste nome — Yahweh, e muitas destas referem-se claramente ao Verbo, que, encarnado, tornou-Se Jesus Cristo, o Messias Salvador.

A palavra do Senhor (Yahweh) em Salmo 102: 22 e 25 é aplicada em Hebreus 1:10-12 a Cristo. O nome aparece em Zacarias 11:12 e 13, onde Yahweh devia ser traído — clara referência a Cristo. Em Isaías 43:11, temos: "Eu, Eu sou o Senhor (Yahweh) e fora de Mim não há Salvador". Assim, o Salvador é Yahweh no Velho Testamento. Em Jeremias 23:5 e 6 encontramos o Renôvo que será levantado a Davi, e Seu nome será "Yahweh, Justiça nossa". Em Malaquias 3:1, temos: "E de repente virá a Seu tempo Yahweh". Novamente em Zacarias 14:5: "Então virá Yahweh... e todos os santos contigo...". Comparando Zacarias 14:9 com Zacarias 9:9, encontramos a inspirada profecia do Rei entrando em Jerusalém, mas é novamente Yahweh que entra gloriosamente na cidade da Paz. Jeremias 25:31-33 descreve a destruição dos ímpios no dia do aparecimento de Yahweh.

Jesus é descrito em tocante linguagem poética como o Noivo (Efés. 5:32), e a igreja como a Noiva (Apoc. 19:7 e 8). Mas em Jeremias 3:14, é Yahweh que diz: "Eu vos desposarei". Compara-se ainda o ensino neotestamentário de ser o Verbo o Criador de tôdas as coisas com Isaías 45:18, onde Yahweh é mencionado com o Criador. Isaías 40:3 traz a profecia de João Batista. Mas o caminho deve ser preparado a Yahweh. Veja-se ainda Joel 2:27-32, comparado com Atos 2:32 e 33. Salmo 68:17 — Yahweh subiu, com Efésios 4:7-10; Isaías 6:1-5 com S. João 12:37-41. Obadias 21 com S. Lucas 1:32 e 33 e finalmente Zacarias 14:9 com Apocalipse 11:15. E que mais próprio do que este uso comum do mesmo nome? Não são um? Mas não somente são um. Cristo Jesus, "desde o início tinha a natureza de Deus" (17), ou "porque Ele que sempre foi Deus por natureza", (18) é

### O Eterno Verbo

e "era antes de tôdas as coisas, e por quem tôdas as coisas subsistem" (19). Ele "é o mesmo ontem, hoje e eternamente" (20). Não é um deus qualquer como querem alguns que hoje como no passado negam a igualdade do Verbo com o Pai, porque n'Ele habita corporalmente tôda plenitude da Divindade" (21). "No princípio era o Verbo e o Verbo era com Deus" (22). Não se tornou Deus em qualquer época do passado. É o eterno Yahweh, o eterno "EU SOU" (23). É a eterna fonte da vida, Aquêle que podia dizer: "Porque dou a Minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém Ma tira de Mim, mas Eu de Mim mesmo a dou. Tenho poder para dar e poder para tornar a tomá-la" (24). Diz-nos a serva do Senhor que "Ele era igual a Deus, infinito e onipotente, . . . eterno, existente por Si mesmo" (25). "Jesus declarou 'Eu sou a ressurreição e a vida'. Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. 'Quem tem o Filho, tem a vida'. A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente" (26). "Sua existência divina, não podia ser contada pelo cômputo humano. A vida de Cristo antes de Sua encarnação não se calcula por algarismos" (27).

Sim, quando em Cristo tôdas as coisas foram formadas, criadas, "sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades", (28) Ele já existiu, pois "estava com Deus" e "Suas saídas são desde os dias da antiguidade" (29). "Falando de Sua pré-existência, Cristo reporta a mente através de séculos incontáveis. Afirma que nunca houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o eterno Deus. Aquêle cuja voz os judeus estavam então ouvindo estivera com Deus como Alguém que vivera sempre com Ele" (30).

Apesar de tão claro e tão positivo ensino, reina

### Confusão

nos arraiais cristãos. Pergunta-se maliciosa e astutamente:

— Mas, se é Filho, então não pode ser eterno. Sem dúvida teve um começo. Não é co-eterno com o Pai. Não é, enfim, eterno!

E não haverá mesmo em nosso meio alguma confusão ou incompreensão a respeito da relação PAI-FILHO? Como compreender na eterna Divindade de esta relação de Pai e Filho? É relação de descendência? Descende ou deriva o Filho do Pai?

Talvez esta incompreensão advinha do fato de não distinguirmos ou não atentarmos para o fato de que há na existência d'Aquêle Ser, certos períodos em que LHE devemos dar nomes distintos.

Na eternidade do passado, Ele era Deus, intimamente associado e fazendo parte da Trindade. Vamos, para clareza dêste estudo, dar-LHE o nome que a Bíblia LHE dá: "Verbo". O eterno Verbo. Depois houve época quando tornou-Se aquilo que não era antes: — O Filho de Deus, Jesus, o Salvador, Cristo, o Ungido. E isto para nossa salvação. Para o propósito de redimir a raça humana tornou-Se mesmo o Filho do homem.

Apercebemo-nos do perigo que se nos antepõe. Pisamos terreno santo, e a ordem de Deus é a mesma que foi dada a Moisés: "Tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás, é terra santa" (31). E é com suma reverência que abordamos êste transcendente assunto. Mas somente o poderemos compreender

### A Luz do Grande Plano de Salvação

Para não errarmos é preciso deixar que o grande amor de Deus que O têz dar Seu Filho, nos ilumine a mente e mostre o caminho.

Este plano divino foi concebido primordialmente para reivindicar o caráter de Deus das acusações que Satanás Lhe assacou, e também para redimir a raça humana da maldição do pecado (32). Mas para ser corretamente entendido, devemos estudar êste assunto à luz que emana do Grande Plano de Salvação. Fazendo retroceder a mente, chegaremos a um tempo quando forçosamente a Divindade estava só, pois tudo quanto existe neste cosmo, exceto a Trindade, foi criado a seu devido tempo. Só Deus é incriado, existente por Si. É um Ser necessário e não contingente. É infinito, sem começo nem fim. Neste tempo, não existindo ainda nenhum ser criado, não existia também nenhum perigo de pecado e nem era necessário qualquer remédio para êste ou sequer uma provisão para o mesmo. Estavam então intimamente associados: Deus, o Verbo e o Espírito Santo — a Santíssima Trindade.

No tempo determinado por Deus, surge o plano da criação. Deus resolve trazer à existência seres inteligentes, possuidores do livre arbítrio, da livre escolha. Há inerentes a êste plano a possibilidade de escolha errada da parte do homem, de surgir o pecado. Apresenta-se um dilema terrível. Dilema só para nós. Para Deus não há dilema, não existe crise, não há imprevisto. Ele sabe o "fim desde o princípio". Valeria a pena criar seres humanos com a possibilidade de trazer o pecado e a maldição a êste mundo? Mas Deus que "desde o princípio . . . sabia da apostasia de Satanás e da queda do homem, mediante o poder enganador do apóstata" (33), responde: Sim! Resolve criar Adão e Eva "à Sua imagem" (34). Adão receberia o nome de "Filho de Deus" (35).

Antes, porém, e devido à ameaça do pecado, houve "conselho de paz" no Céu. "Mui prolongada foi aquela comunhão misteriosa — o 'conselho de paz'" (36). "Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer a expiação por sua transgressão." Resolveu-se que Cristo, o Verbo, "tomaria sôbre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo que deveria separar entre Si, o Pai e o Filho. Cristo atin-

giria as profundezas da miséria para libertar a raça que fôra arruinada" (37). Então, "perante o Pai pleiteou Ele em prol do pecador, enquanto a hoste celestial aguardava o resultado com um interesse de tal intensidade que palavras não o poderão exprimir" (38). O Verbo resolve, pois, tomar o lugar de Adão e Eva, do homem ainda não criado, mas como a criação já estava planejada, colocar-Se na brecha que seria aberta pelo pecado, substituir, redimir o primeiro Adão, o Filho de Deus, e tornar-Se assim

**O Filho de Deus no Grande Plano de Salvação** em termos de onisciência, conhecimento antecipado. É verdade que em caráter, em amor, teria tido esta disposição, sempre. Agora, após a realização do conselho de paz começa a desdobrar-se e a tomar forma, o mistério da piedade. O Verbo resolve tornar-Se aquilo que não era antes — o Filho de Deus, o Salvador do mundo, o Segundo Adão. Resolve ocultar a Sua divindade na natureza humana. Revestir a grande e valiosíssima Pérola na concha das imperfeições humanas.

### A Criação do Homem

Finalmente, no devido tempo, o homem é criado. Cristo, o Criador dos mundos físicos, é também o Autor de governos, de ordem e leis tanto no Céu como na Terra. Não somente é Ele o Criador, mas sustenta tudo; nEle o Universo tem sua continuação e ordem.

De alegria "as estrelas da alva juntas alegremente cantavam e todos os filhos de Deus rejubilavam" (39).

Adão e Eva, ao saírem das mãos do Criador, eram perfeitos, pois ao passar em revista a obra de Suas mãos, disse Deus que "tudo era muito bom" (40). Todas as inclinações e tendências do homem eram para o bem; eram sábios, nobres, aspirando a elevados ideais. Deus tomara todas as medidas para o desenvolvimento harmonioso de seu caráter. Este não é criado; deve ser desenvolvido mediante árduas lutas. É formado por contínua resistência à tentação e vitórias diárias sobre o pecado. Para que pudesse assim desenvolver o caráter. Deus reservara para Si uma árvore — a da ciência do Bem e do Mal, e dela disse a Adão: "Dela não comerás, porque o dia em que dela comeres, certamente morrerás" (41). Mas Adão não morreu "naquele mesmo dia". Ao contrário, viveu ainda centenas de anos. Não cumpriu Deus a Sua ameaça? Arrependeu-Se da sentença? Não! Deus não é como o homem para que minta. A sentença certamente se teria cumprido se o "Verbo", o Filho de Deus, não Se tivesse pôsto de permeio. E assim o "castigo que nos traz a paz estava sobre Ele e pelas Suas pisaduras fomos sarados" (42). A sentença a recebeu o Justo. Desde agora existe um Cordeiro de Deus em cujo sangue são "lavados todos os pecados" (43). O Verbo, o Filho de Deus, torna-Se mediante esta intercessão "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo" (44).

Em contraste, Adão e Eva perderam a sua filiação divina e tornaram-se "filhos da ira" (45). O Verbo agora torna-Se Filho de Deus por antecipação e os que O aceitam, são salvos pela fé neste sacrifício que Deus proveu para a redenção da

raça caída, antecipando o efeito da morte de Cristo na cruz.

### O Grande Mistério da Encarnação

Muitos séculos antes, por meio do suave cantor de Israel, o Verbo anunciou a Sua vinda a este mundo nas seguintes palavras: "Eis aqui venho. No rôlo do livro está escrito de Mim" (46), e Paulo acrescenta: "Pelo que, entrando no mundo, corpo Me preparaste" (47). Cristo veio estabelecer Seu tabernáculo com os homens a fim de torná-los familiar com o caráter e a vontade divinos. Tomou sobre Si a natureza humana tal qual Adão a possuía antes de pecar, a fim de mostrar que era possível ao homem vencer onde Adão fracassara. Corpo foi-Lhe preparado no divino plano de redenção. Encarnou. Tornou-Se por um pouco de tempo "menor do que os anjos" (48), e isto para poder "chamá-los irmãos". "E visto como os filhos participam de carne ... também Ele tomou a descendência de Abraão ... para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote" (49).

Diante desta incompreensível humilhação, pois "aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens, e achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz" (50). São João exclama estupefato: "Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus" (51). Sim, que grande caridade! Pela sua origem etimológica significa "aquilo que vai muito além do que com justiça se pode esperar do homem" (52).

Ecoarão com vigor sempre renovado as palavras da serva do Senhor: "Cristo foi tratado como nós o merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebéssemos a vida que a Ele pertencia" (53). Por esta experiência — sofrendo com o homem e pelo homem, Cristo tornou-Se o nosso perfeito Salvador (54). Pela encarnação, "Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho" (55). Agora, em Seu nascimento miraculoso e divino, vida exemplar e morte vicária, substituindo o homem, Ele torna-Se de fato e em realidade

### O Filho de Deus

Cumpre-se agora em tôda a sua amplitude a profecia de Davi quando diz: "Recitarei o decreto: O Senhor Me disse: Tu és Meu Filho, hoje Te gerei" (56). Notemos bem dois pontos — recitarei — futuro; e hoje Te gerei. O Verbo tornar-Seia Filho pelo ato de ser gerado. E a Bíblia diz que Jesus Se tornaria Filho de Deus. Este título, aplicado ao Verbo antes deste evento supremo, é compreensível à luz do grande plano de Deus. Ele pôde ser chamado Filho de Deus por antecipação. Mas é agora que Se torna em realidade o Filho de Deus, gerado pelo Espírito Santo.

Como Filho de Deus, Ele toma o nosso lugar. Sobre Si leva os nossos pecados ao madeiro e estes finalmente Lhe quebram o nobre e santo coração. Mas a morte não O pode reter. Russuscita glorioso e após algum tempo ascende ao Céu. Nesta ressurreição e ascensão, tomam lugar acon-

tecimentos de suma importância e que lançam luz sobre um importante passo da Cristologia.

Quem volta agora ao seio do Pai não é o Verbo que desceu a este mundo, mas é Jesus Cristo, o Filho de Deus, e consigo leva a humana natureza, redimida, santificada, a encontrar-se de novo com Deus sem nenhum véu de permissão. "Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá" (58). "Deus... deus" (59), "não O deu somente para levar os nossos pecados e morrer em sacrifício por nós; deu-O à raça caída" (60).

Ressuscitando, arranca a natureza humana do poder da morte, e ascendendo ao Céu, a reconcilia de novo com Deus. "Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, levando a mesma ao mais alto céu. É o 'Filho do homem' que partilha do trono do universo" (61). Há aqui uma dupla vitória. A de Cristo sobre o pecado e a morte e nEle a natureza nossa, humana, volta à união com o Pai. Assenta-se em Cristo no "trono do universo". Temos aqui o penhor de nossa ressurreição, de nossa ascensão e união com Deus.

Mas antes de Sua ascensão, como diríamos, "oficial", Cristo vai buscar a certeza de que Seu sacrifício foi aceito. De que de fato, "ao tomar a nossa natureza, o Salvador Se ligou à humanidade por um laço que jamais se partirá" (62). É-Lhe dito que o sacrifício está completo. A reconciliação aceita. De que não há mais obstáculos à volta dos membros da família humana e agora de novo ligados à família divina. É em Cristo a volta do pródigo ao lar eterno. É o primeiro Adão que perdera sua filiação, reintegrado no seu antigo lugar. Por Cristo, o Filho de Deus, torna-se novamente filho de Deus o homem. E esta maravilhosa verdade é agora "proclamada com poder" (63). Primeiramente Ele é "gerado" Filho de Deus. Agora esta união eterna, este fato de que o homem voltou a ser filho de Deus e de que o Verbo, Jesus Cristo, tanto nos amou ao ponto de reter "para sempre Sua natureza humana" (64), sendo agora eternamente o Filho de Deus, é "proclamado Filho de Deus em poder", e "disso deu certeza, ressuscitando-O dos mortos" (65). Que maravilhoso Salvador não temos nós! Sim, "conhecê-Lo é amá-Lo"! (66).

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 - D. T. N., pág. 58
- 2 - João 17:3
- 3 - D. T. N., pág. 14
- 4 - Atos 10:38
- 5 - João 12:32

- 6 - II Cor. 3:18
- 7 - Educ., pág. 16
- 8 - Efésios 3:18, 19
- 9 - João 10:30
- 10 - João 1:2, 1 e Prov. 8:22
- 11 - Patriarcas e Profetas, págs. 13, 14 (2ª ed.)
- 12 - The Book of Hebrews, 51
- 13 - A Ciência do Bom Viver, pág. 380
- 14 - Patriarcas e Profetas, pág. 42 (2ª Ed.)
- 15 - Ver "Jesus and the Trinity", em *Ministry*, julho de 1961
- 16 - 280 Titles and Symbols of Christ, pág. 214
- 17 - Fil. 2:6 - Versão de Weimouth
- 18 - Fil. 2:6 - Versão de Phillips
- 19 - Col. 1:17
- 20 - Heb. 13:8
- 21 - Col. 2:9
- 22 - João 1:1, 2
- 23 - João 8:58
- 24 - João 10:17, 18
- 25 - Evangelismo, pág. 615
- 26 - Evangelismo, pág. 616
- 27 - Evangelismo, pág. 616
- 28 - Col. 1:16
- 29 - Miq. 5:2
- 30 - Evangelismo, pág. 615
- 31 - Êxodo 3:5
- 32 - Valerá a pena um estudo mais profundo dos princípios aqui envolvidos e remetemos o leitor, para este fim, para o livro "If You Were the Creator" de George MacCreedy Price.
- 33 - D. T. N., pág. 15
- 34 - Gên. 1:27
- 35 - Luc. 3:38
- 36 - Patriarcas e Profetas, pág. 57
- 37 - Patriarcas e Profetas, pág. 57
- 38 - Ibidem
- 39 - Jó 38:7
- 40 - Gên. 1:31
- 41 - Gên. 2:16, 17
- 42 - Isa. 53:5
- 43 - I João 1:7 u. p.
- 44 - Apoc. 13:8
- 45 - Efés. 2:3
- 46 - Sal. 40:7
- 47 - Heb. 10:5
- 48 - Heb. 2:9
- 49 - Heb. 2:11-17
- 50 - Fil. 2:7, 8
- 51 - I João 3:1
- 52 - Vede "Treasures From The Greek New Testament", de Kenneth S. Wuest
- 53 - D. T. N., pág. 17
- 54 - Heb. 2:10 e 5:9. Ver margem
- 55 - D. T. N., pág. 17
- 56 - Sal. 2:7
- 57 - Mat. 1:20 e Luc. 1:35
- 58 - D. T. N., pág. 17
- 59 - João 3:16
- 60 - D. T. N., pág. 17
- 61 - D. T. N., pág. 17
- 62 - D. T. N., pág. 17
- 63 - Rom. 1:4
- 64 - D. T. N., pág. 17
- 65 - Atos 17:31
- 66 - D. T. N., pág. 14

## Um Simples Pecado

Um grupo de pessoas passeava num parque quando uma delas sua atenção atraída para um grande sicômoro, apodrecido até ao cerne. "Esta bela árvore," disse ela, "foi morta por um simples verme." Dois anos antes esta árvore era tão vigorosa como qualquer outra no parque, quando um caruncho, de pouco mais de cinco centímetros longo, foi observado a forçar entrada na crosta do tronco. Ele chamou a atenção de um naturalista que ali se achava, o qual observou: "Se deixarem o verme ele matará a árvore." Isto parecia improvável, e concordou-se que o animalculo de cabeça preta não fôsse molestado. Depois de algum tempo descobriu-se que ele havia perfurado um túnel que já ia a considerável distância no interior do tronco. No próximo verão as folhas caíram logo, e no ano seguinte a árvore morrerá e apodrecerá. O orifício feito pelo verme não podia ser visto mesmo no coração do outrora nobre tronco. Oh, que lição podemos extrair desta simples árvore. Quantos elementos promissores e úteis neste mundo caíram em ruína por terem permitido que um simples pecado se desenvolvesse a ponto de dominá-los. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, by Keith L. Brooks.

# A Natureza e a Encarnação de Cristo

A. V. OLSON

Presidente do Acervo de Ellen G. White



**A** ENCARNAÇÃO de Cristo constitui profundo mistério. Como declarou o apóstolo S. Paulo: "Grande é o mistério da piedade: Aquêle que Se manifestou em carne" (I Tim. 3:16).

A maneira pela qual o Filho de Deus — que estivera com o Pai desde a eternidade (I S. João 1:1 e 2) e fôra o agente ativo na criação dos céus e da Terra (S. João 1:3; Col. 1:15-17; Heb. 1:1 e 2) — pôde despojar-Se de Seu enorme universo e tornar-Se uma célula pequenina no ventre de Maria, lá desenvolvendo-Se como um bebê perfeito, e no devido tempo nascer, vir ao mundo na forma e no estilo de um filho de homem (com naturezas divina e humana) está muito além de nossa mente finita compreender ou explicar. De fato, como diz a serva do Senhor:

*Ao contemplarmos a encarnação de Cristo, ficamos desconcertados diante do mistério impenetrável, fato que a mente humana é incapaz de compreender. Quanto mais refletimos sobre isto, mais impressionante se nos apresenta o fato. Quão amplo é o contraste entre a divindade de Cristo e o frágil infante na manjedoura de Belém! Como podemos medir a distância entre o poderoso Deus e a débil criancinha? E no entanto o Criador dos mundos, Aquêle em quem habitava corporalmente a plenitude da divindade, manifestou-Se no débil bebê da manjedoura. Muiíssimo mais elevado do que qualquer dos anjos, igual ao Pai em dignidade e glória, e contudo vestindo o traje da humanidade! Divindade e humanidade combinaram-se misteriosamente, e o homem e Deus tornaram-se um. E nesta união que encontramos a esperança para a raça caída. Olhando para Cristo em humanidade, olhamos para Deus, e vemos nEle o resplendor de Sua glória, a expressa imagem de Sua pessoa. — Signs of the Times, 30 de julho de 1896. Citado em Questions on Doctrine, págs. 647 e 648.*

O raciocínio e a filosofia humanos jamais poderão decifrar o profundo mistério da encarnação de Cristo. Únicamente Deus conhece o segredo. Contudo, na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia, o Senhor nos deu informações que lançam luz sobre certos aspectos deste grandioso problema. Temos o privilégio e mesmo o dever de buscarmos essa informação, essa luz, e estudá-la. É de importância vital que o façamos, porque isto se relaciona com nossa salvação. E a investigação deste assunto sagrado deve ser feita com reverência e sagrado temor. Devemos empreendê-la num espírito de grande humildade, e com oração sincera e fervorosa. Este solene dever e necessidade nos são apresentados nas seguintes linhas:

A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a cadeia dourada que liga nossa alma a Cristo, e por meio dEle nos une a Deus. Este deve ser nosso estudo. *Cristo foi verdadeiramente homem; deu prova de Sua humildade tornando-se homem. Era contudo Deus em carne.* Ao analisarmos este assunto, bem fariamos em atentar para as palavras proferidas por Cristo a Moisés na sarça ardente. "Tira a sandália de teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa." Devemos fazer este estudo com a humildade de um estudante, e com o coração contrito. O estudo da encarnação de Cristo constitui campo frutífero, que compensa o pesquisador que cava fundo em busca da verdade oculta. — ELLEN G. WHITE em *Youth's Instructor*, de 13 de outubro de 1898. Citado em *Questions on Doctrine*, pág. 647.

O estudante sincero e perseverante verificará que o estudo da encarnação de Cristo, Sua morte na cruz e Sua obra sacerdotal no santuário celestial é tão compensador quão inexgotável. Por meio de Sua serva divinamente inspirada o Senhor nos assegura que:

Ao estudar o obreiro a vida de Cristo, e ao meditar no caráter de Sua missão, cada nova busca revelará algo mais profundamente interessante do que já foi desenvolvido. O assunto é inexaurível. O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e obra mediadora, ocupará a mente do diligente estudante enquanto o tempo durar. — *Obreiros Evangélicos*, pág. 251 (Grifos supridos).

## A Preexistência de Jesus

Ao estudarmos o assunto da encarnação de Cristo é bom aprendermos primeiramente o que Deus nos revelou, pela Sua Palavra e pelos escritos de Sua mensageira, no que concerne à existência, natureza de Cristo e Sua posição antes de Seu nascimento em Belém.

A Bíblia torna claro como cristal a verdade de que *Jesus era um com Deus o Pai, no Céu, muito antes que Ele nascesse neste mundo.* Os evangelhos de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João revelam que Cristo falava frequentemente de haver sido enviado pelo Pai, de haver descido do Céu, e de retornar ao Pai. Como exemplo, na oração pastoral de Cristo feita logo antes de Sua morte na cruz, disse: "E agora, Pai, glorifica-Me com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse (S. João 17:5). E nos primeiros versículos de seu evangelho declara S. João que Cristo ("o Verbo" como O chama) "estava com Deus" "no princípio"; que "tôdas as coisas foram feitas por Ele"; e que "sem Ele nada do que tem sido feito se fez" (S. João 1:1-3). Uma vez que era o Criador de tudo, existiu antes de tudo. Por conseguinte, antes da criação das miríades de mundos que rolam no espaço, e dos minúsculos áto-

mos que flutuam nos raios solares; antes da criação dos anjos e dos homens, e das criaturas viventes na Terra, no ar e no mar, *Cristo existia com o Pai.*

A Bíblia também esclarece que Cristo — o Ser poderoso e glorioso que existia com o Pai desde o princípio — *era Deus*, pois em seu evangelho afirma S. João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (S. João 1:1; ver também Isa. 9:6). Uma vez que era Deus, Ele era essencialmente o mesmo que o Pai.

As citações que seguem mostram igualmente que desde o princípio Cristo estava com o Pai, e que era Deus:

Falando de Sua preexistência, Cristo remonta o pensamento a épocas sem data. Ele nos assegura que jamais houve tempo em que Ele não estivesse em íntima comunhão com o Deus eterno. Aquêle cuja voz os judeus deviam ouvir estivera com Deus como alguém educado com Ele. — ELLEN G. WHITE, em *Signs of the Times*, de 29 de agosto de 1900. Citado em *Questions on Doctrine*, pág. 644.

O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existiu desde a eternidade, como pessoa distinta embora sendo um com o Pai. Ele era a glória inexcitável do Céu. Era o comandante dos séres celestiais, e a adoração dos anjos era por Ele recebida como um direito. Isto não era uma usurpação do que pertencia a Deus. — ELLEN G. WHITE, em *Review and Herald*, de 5 de abril de 1906.

Cristo era essencialmente Deus, e no mais elevado sentido. Ele estava com Deus desde toda a eternidade, Deus acima de todas as coisas, bendito para sempre. — *Ibidem*.

Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. “Quem tem o Filho, tem a vida.” I S. João 5:12. A divindade de Cristo é a certeza da vida eterna para o crente. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 395.

### A Voluntária Humilhação de Cristo

Maravilha das maravilhas, o majestoso Ser que desde o princípio estava *com Deus*, e que *era Deus* (S. João 1:1) — o poderoso Deus, criador e mantenedor de todas as coisas (Heb. 1:3) — “*se fez carne, e habitou entre nós*” (S. João 1:14)! Movido pelo Seu amor insondável pela humanidade perdida, Ele deixou Seu trono, baixou à Terra, vestiu Sua divindade com a humanidade, viveu conosco e como um de nós e morreu em nosso lugar, para que pudéssemos ter vida (S. João 10:10).

Falando desta maravilhosa humilhação voluntária do Filho de Deus, o apóstolo S. Paulo afirma: “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens, e, achado na forma de homem, humilhou-se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fil. 2:5-8).

Impressionada com esta maravilhosa humilhação voluntária de Cristo, Ellen G. White, exclamou:

Que humildade foi esta! Impressionou os anjos. A língua jamais poderá descrevê-la; a imaginação não pode assimilá-la. O Verbo eterno consentiu em tornar-se carne! *Deus tornou-Se homem!* Foi uma humildade maravilhosa. — *Review and Herald*, de 5 de julho de 1887. Citado em *Questions on Doctrine*, pág. 56. (Grifos supridos.)

A voluntária humilhação de Cristo ocorreu muito antes de tomar a natureza humana:

Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado.

Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 33.

Nesta citação nossa atenção é levada para o triste fato de que o pecado exerce efeito degenerescente sobre a raça humana. Ao ser criado era Adão de estatura majestosa, com força e vitalidade correspondentes. Lemos:

Ao sair Adão das mãos de seu Criador, era de nobre estatura e simétrica beleza. Era mais do que o dobro de altura do que os homens que presentemente vivem na Terra, e era bem proporcionado. Seus traços eram perfeitos e belos. — *The Spirit of Prophecy*, Vol. 1, pág. 25.

Tais não eram a estatura, o vigor e a perfeição da raça humana quando Jesus nasceu no mundo. Quatro milênios de reiterada violação das divinas leis da natureza haviam reduzido gradualmente a estatura e debilitado o vigor e a plástica do corpo humano. Nervos e músculos foram enfraquecidos através de séculos de condescendência. Permitindo que a lei da hereditariedade operasse em Sua encarnação, Jesus, pelo lado materno, herdara um corpo comparável em estatura ao corpo dos homens de seu tempo, sujeito às enfermidades e fraquezas dos demais homens. Com relação a este ponto, Isaías, falando profeticamente de Jesus na Terra, declara que Ele era “homem de dores, e experimentado nos trabalhos” (Isa. 53:3 e 4). Referindo-se a esta declaração, diz S. Mateus a respeito de Jesus: “Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças” (S. Mat. 8:17). A tradução de Weymouth reza: “Ele tomou sobre Si as nossas fraquezas, e levou a carga de nossos males.” Assim neste sentido o segundo Adão não era fisicamente idêntico ao primeiro. E é também neste sentido de depreciação em estatura e vitalidade que Cristo pela lei da hereditariedade tomou sobre Si “nossa natureza caída” (*O Desejado*, pág. 78), “nossa natureza em condição de degenerescência” (*Signs of the Times*, 9 de junho de 1898).

### Cristo Sem Pecado

Pelo fato de ter Cristo vestido Sua divindade com a humanidade e suportado enfermidades físicas e fraquezas da humanidade, alguns são inclinados a crer que Ele veio ao mundo com propensão pelo pecado, como todos os demais filhos de Adão. Cremos ser isto contrário à informação que nos é dada pela Bíblia e pelos escritos do Espírito de Profecia. Observemos cuidadosamente a seguinte declaração da pena inspirada:

Sêde cuidadosos, excessivamente cuidadosos, no detendo sobre a natureza humana de Cristo. Não O apresenteis diante do povo como homem com propensão pelo pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, ser não pecaminoso, sem uma mancha de pecado sobre si; tinha a imagem de Deus. Podia cair, e o fez por meio da transgressão. Pelo pecado sua posteridade nasceu com a inerente propensão da desobediência. Jesus Cristo, porém, era o Filho unigênito de Deus. Tomou sobre si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos em que a criatura humana o é. Ele podia ter pecado; podia ter caído, mas em momento algum houve nEle alguma propensão para o mal. Fôra assaltado com tentações no deserto, como Adão o fôra no Éden. — *The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White, sobre S. João 1:1-3, 14, pág. 1128.

Há, na citação acima, vários pensamentos que se destacam:

1. O primeiro Adão fôra criado puro, ser sem pecado, sem mancha alguma de pecado sobre si.
2. Devido ao pecado de Adão, sua posteridade

é nascida com a inerente propensão para a desobediência.

3. Jesus Cristo — o Filho unigênito de Deus, e segundo Adão — veio ao mundo, como o fez o primeiro Adão, sem nenhuma propensão maligna. “Não O apresenteis diante do povo como homem com propensão para o pecado.”

A bendita verdade de que Cristo veio ao mundo sem mancha de pecado sobre Si é reforçada nas seguintes citações:

Ele nascera sem mancha alguma de pecado, mas veio ao mundo da mesma maneira que a família humana. — Carta 97, 1898. Citado em *Questions on Doctrine*, pág. 659.

Ele [Cristo] devia assumir Sua posição de cabeça da humanidade tomando a natureza do homem mas não a sua pecaminosidade. — *The SDA Bible Commentary*, ELLEN G. WHITE COMMENTS, sobre Heb. 2:14-18, pág. 925.

Ele foi um poderoso suplicante, não possuindo as paixões de nossa natureza humana caída, mas rodeado das mesmas enfermidades, tentado em todos os pontos como nós o somos. — *Testimonies*, Vol. 2, pág. 509. (Itálicos supridos).

Ele é um irmão em nossas enfermidades, não possuindo porém semelhantes paixões. — *Idem*, pág. 202. (Grifos acrescentados).

Sobre Ele não havia mancha alguma de corrupção. — Citado em *Questions on Doctrine*, pág. 61.

Este fato de suma importância de que Cristo era santo e sem pecado desde o nascimento é claramente ensinado na Bíblia. Ao anunciar a Maria o nascimento de Jesus, o anjo Gabriel O chamou de “o Santo que de ti há de nascer” (S. Luc. 1:35). O apóstolo S. Paulo declara que Cristo “não conheceu pecado” (II Cor. 5:21), e que Ele era “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores” (Heb. 7:26). Pedro fala dEle como “um cordeiro imaculado e incontaminado” (I S. Ped. 1:19). E o próprio Jesus disse: “Quem de vós Me pode convencer de pecado?” (S. João 8:46).

Tivesse Jesus vindo ao mundo com uma mancha de pecado, com inclinações e propensões para o mal, e teria estado, como todos os filhos de Adão (ver Rom. 5:12), debaixo da condenação da morte devido Sua situação deplorável, e portanto necessitado de expiação. Agradecemos a Deus, que tal não foi o caso!

Cristo tomou sobre Si a forma do homem pecador, vestindo Sua divindade com a humanidade. Era, contudo, santo, como Deus é santo. Foi o portador do pecado, não necessitando de expiação. Tivesse Ele uma nódoa de pecado, e não podia ser o Salvador da humanidade. Um com Deus em pureza e santidade, pôde fazer propiciação pelos pecados do mundo. — ELLEN G. WHITE, em *The Youth's Instructor*, de 21 de setembro de 1899.

A expressão “Cristo tomou sobre Si a forma do homem pecador” não deve ser entendida como Jesus vindo ao mundo com mancha de pecado. Possuía Ele a forma de um homem, mas, como já estudámos e as citações que fizemos o confirmam, não teve Ele nenhuma mancha de pecado.

Da mesma forma, a expressão de Paulo “Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado” (Rom. 8:3) não deve ser interpretada como significando que Deus enviara Seu Filho em carne pecaminosa. A semelhança é um símile, uma comparação, uma aparência externa, como o definem os dicionários, e não algo absolutamente igual. Uma fotografia de determinada pessoa, por exemplo, é a semelhança da aparência exterior de quem se deixou fotografar mas não igualmente aquela pessoa. Assim ocorre com a carne de Cristo. Assemelhava-se à carne dos homens no meio dos quais viveu, mas achava-se livre de qualquer laivo de pecado.

Se Jesus tivesse vindo ao mundo, de algum modo manchado e poluído de pecado não poderia ter voltado para o Pai sem morrer. O fato de que pôde voltar ao seio do Pai sem morrer constitui prova de que era puro e santo, isto é claramente afirmado na seguinte referência a Cristo no Getsêmani:

Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da fronte o suor de sangue, e deixar perecer o homem em sua iniquidade. Poderia dizer: Receba o pecador o castigo de seu pecado, e Eu voltarei a Meu Pai. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 517.

Este trecho revela não somente o fato de que Cristo não possuía o pecado inato ou poluição pela qual devesse morrer em favor da humanidade perdida. Podia decidir-Se a retornar ao Pai sem precisar passar pela morte, e deixar os pecadores condenados a perecerem em seus pecados. Graças a Deus, porém, Ele não preferiu agir desta forma. Em virtude de Seu amor imorredouro pelos Seus filhos desobedientes, Ele escolheu assumir a culpa de seus pecados, e morrer na rude cruz em lugar deles. Não podia salvar-Se a Si mesmo se quisesse salvar os outros. Portanto depôs Sua própria vida a fim de que outros pudessem viver. Foi uma escolha voluntária. Ofereceu-Se, caro leitor, para que tu e eu pudessemos viver.

Não raro, quando se demonstra que Jesus veio a este mundo sem propensão alguma para o pecado, há os que indagam: “Como então podia Ele ser tentado?” A resposta é simples: Ele foi tentado da mesma maneira como Adão o foi. Adão fôra criado puro e santo, sem inclinação alguma para o pecado, e contudo foi tentado. Foi tentado e caiu. Jesus, do mesmo modo, podia ser tentado. Tão tremenda foi a tentação que Ele “resistiu até ao sangue” (ver Hebreus 12:3 e 4). Ele, porém, não caiu. E nisto reside nossa esperança de vida eterna.

Comentando estas verdades vitais, afirma Francisco D. Nichol:

Adão, no Éden, possuía uma natureza humana, a qual desde o primeiro momento de sua existência, era suscetível ao pecado. Adão, porém, no Éden achava-se inocente até o dia em que exerceu sua vontade em direção ao caminho errado e atraiu o pecado para o seu seio. . .

Nosso pai Adão perdeu a batalha com o tentador, não porque tivesse um coração “desesperadamente mau” — sairia perfeito das mãos do Criador — mas por ter exercido erradamente sua livre vontade e traíra a maldade para seu coração. E nós, filhos seus, temos seguido os seus passos. Cristo, o “último Adão,” venceu a batalha contra o tentador, e nós, por meio de seu perdão e força prometidos, também podemos vencer. Cristo podia ter perdido, mas venceu. Nisto reside o surpreendente contraste. . .

Cristo venceu apesar do fato de ter tomado a “semelhança da carne do pecado,” com tudo que isso implica de efeitos funestos e degenerescentes provindos do pecado e que se manifestam no corpo e no sistema nervoso do homem e também os maus efeitos do ambiente — “de Nazaré pode sair coisa que seja boa?”

Em outras palavras, os adventistas creem que Cristo, o “último Adão” possuía, pelo lado humano, uma natureza semelhante à do “primeiro Adão,” — uma natureza livre de qualquer nódoa profanadora de pecado, mas suscetível de apreender o pecado, e que esta natureza fôra depreciada pelos efeitos ruinosos de quatro mil anos de invasão do pecado no corpo do homem, em seu sistema nervoso e no ambiente. . .

Com satisfação damos grande honra a Cristo, sem atribuir-Lhe qualquer mancha de pecado, crendo que, embora pudesse Ele exercer Sua livre vontade para pecar, não o fez; que não obstante sentisse toda a força da tentação, como o sentimos, Ele pôs Sua vontade ao lado do

(Continua na pág. 25)



## O Preparo Para a Obra da Pregação

HONÓRIO PERDOMO

(Pastor da Igreja de Sto. André, S. Paulo)



O PASTOR cumprimentava os membros de sua igreja à porta, ao término do culto. O último a se retirar naquele dia foi o diácono. Com intimidez, o pastor segredou-lhe ao ouvido: "Quando subi, hoje, ao púlpito, não tinha nem sequer a mais leve idéia do que ia dizer".

Confidencialmente, também, o diácono disse ao pastor: "Quando o senhor terminou, não tínhamos a mais leve idéia do que havia dito".

Conheci um pregador que escondia o livro "Estudos Bíblicos" atrás do púlpito. Durante o hino introdutório, examinava o alentado volume, buscando o "sermão do dia". Não raro, terminava o hino, a oração, a oferta... sem que ele descobrisse o "sermão". Neste caso, pedia "paciência à congregação até que a inspiração do momento lhe indicasse o tema adequado. Estamos na presença de um caso extremo. Existe, porém, o perigo de uma aproximação.

### Necessidade de Cuidadoso Preparo

"Forragem por demais inferior é colocada diante do povo." (T. M., pág. 337:0 ú. p.). Eis uma advertência que nos deve fazer meditar. Somos o "servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a Sua casa, para dar o sustento (não o alimento inferior) a seu tempo?" Notemos mais estas citações:

"Necessitam-se homens de capacidade. Quanto mais capacidade intelectual fôr introduzida na obra, enquanto o talento fôr consagrado a Deus e santificado pelo Espírito Santo, tanto mais perfeito será o trabalho, e tanto mais alto será tido na estima do mundo." — *Evangelismo*, págs. 421, 422.

"A ignorância não aumentará a humildade nem a espiritualidade de nenhum professo seguidor de Cristo. As verdades da Palavra divina podem ser melhor apreciadas por um cristão intelectual." — *Idem*, pág. 476.

"Se tomais sobre vós a sagrada responsabilidade de ensinar outros, tendes o dever de ir ao âmago do assunto que procurais ensinar." — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pág. 31.

"Poderiam (os ministros) ter feito dez vezes mais trabalho inteligentemente caso houvessem se interessado em se tornar gigantes intelectuais." (T. M., pág. 194:2)

"Um obreiro que tenha sido preparado e educado para a obra, que seja guiado pelo Espírito de Cristo, realizará muito mais do que dez obreiros que saíam deficientes no conhecimento e que sejam fracos na fé." — *Review and Herald*, 29 de maio de 1888.

### Quando Deus Precizou de Grandes Líderes, Escolheu Homens de Nível Universitário

Moisés era "instruído em toda a ciência dos egípcios". Foi o elemento escolhido para liderar o movimento do êxodo, na maior crise do passado. Estamos num movimento paralelo.

Paulo, o maior pregador dentre os apóstolos, se hoje fôsse Secretário da Associação Ministerial, não deixaria de transmitir aos obreiros esta mensagem: "Procura apresentar-te a Deus aprovado..." (II Tim. 2:15.) "Persiste em ler... medita... sê diligente... para que o teu progresso seja manifesto a todos." (I Tim. 4:13-16.)

Daniel formou-se na maior Universidade do 7º. Século A. C. e a ele confiou Deus os mais profundos segredos proféticos que só a Eternidade poderá revelar plenamente.

Lutero, Calvino e Wesley possuíam diplomas universitários.

Reverentemente, contemplamos o exemplo máximo: o Senhor Jesus. Ele não pregava para "encher o tempo". Relata-nos o evangelista São Mateus (7:28-29) que "... concluindo Jesus êste discurso, a multidão se admirou... porquanto os ensinava como tendo autoridade". O Mestre *sabia* perfeitamente o que estava dizendo, pois, esta "autoridade" só experimenta aquêle que domina o assunto antes de o expor. Só podemos "saber" e "dominar" pelo estudo. Nisto, como em tudo mais, devemos seguir-Lhe as pisadas. (I Pedro 2:21.)

Há pregadores protestantes que permanecem 30, 40 e mais anos na mesma igreja. Crescem o tempo todo. Tornam-se progressivamente melhores pregadores. Escrevem livros. Fazem conferências. Tomam parte em programas de Rádio e TV e suas congregações aumentam sempre. Por quê? Porque

estudam, lêem, "cavam fundo", ouvem outros oradores ...

### O Que Estudar?

Nossos líderes primitivos jejuavam, oravam e passavam, às vezes, noites inteiras estudando e investigando as Escrituras. (Ver *T. M.*, pág. 24.) Moody levantava-se diariamente às 4:00 horas para dedicar pelo menos duas horas ao estudo da Bíblia. Erasmo declarou: "Estou firmemente resolvido a morrer estudando a Escritura: nela está a minha alegria e a minha paz". (*Hist. da Ref.*, D'Aubigné, pág. 79.) De Lutero diz o mesmo autor, à página 108: "Sucedia às vezes ficar um dia inteiro meditando sobre uma só palavra". Nosso primeiro estudo deveria ser a Bíblia. Em doses maciças. Estudo diário, por livros, por assuntos, por seções, por textos, por palavras (exemplo de Lutero). Estudo fiel, em atitude de reverência, zeloso, diligente, laborioso. (S. João 5:39.)

A Bíblia deve ser o Compêndio Número Um, porque: "Transforma a vida. Traz salvação e redenção. Mostra o caminho para Deus. Traz perdão para o passado, poder no presente e glória para o futuro e tudo isto com uma paz que o vocabulário humano é falho em explicar".

Os discípulos de Emaús sentiam o coração "arder". A Palavra deve nos incendiar de zelo.

Devemos também conhecer a literatura vernácula. Citá-la corretamente. Poder, enfim, palestrar com pessoas do mesmo nível.

### Quando Estudar?

Nas primeiras horas da manhã. São as mais preciosas. Devem ser reservadas ao estudo da Bíblia, dos Comentários e Dicionários Bíblicos, do Espírito de Profecia.

Não temos o direito de ter entre os nossos oitavos um homem atarefado, se não gastamos tanto tempo em nosso preparo como ele em suas ocupações. Mas, dirá alguém, onde buscar o tempo? Ora, no mesmo "depósito" onde o operário, o fazendeiro, ou o profissional o busca: Nas 24 horas do dia.

Dispomos de muitos "veículos" para o transporte da Mensagem: Projetores, filmes, "slides", mapas cartazes... São todos continentes, vasilhame, cujo conteúdo deve ser a Palavra ungida pela oração, estudo e meditação, a fim de que a pregação tenha autoridade e poder.

Pinheiro Chagas, grande polígrafo, poeta, militar e estadista português, para sustentar a família, passava muitas vezes a noite inteira estudando, trabalhando, pesquisando... Por isso dele se dizia que "frigia, durante a noite, os seus miolos, para os dar a comer, no dia seguinte, aos filhos".

Se somos reais pastores do rebanho, devemos alimentá-lo com o "Pão da Vida" obtido no laboratório secreto da oração e do estudo, de onde sairá o poder para terminar a Mensagem.

# Código de Ética Profissional do Obreiro Adventista



J. HUMBERTO CAIRUS

Presidente da Missão Norte da União Austral

## FUNDAMENTOS DE SUA ÉTICA

- Ele se comporta, onde quer que trabalhe, como à vista de Deus.
- É íntegro; suas palavras e trato são o reflexo fiel do que pensa e é.
- Usa de diplomacia, porém não de politicagem.
- Enquadra-se na qualificação: "Não sejas dobles de língua."
- Não confunde preconceitos com princípios.
- Seu cristianismo não é um verniz nem um traje; é uma experiência vivida, um caráter modelado segundo o Modelo.
- Pratica a regra de ouro em todas as relações humanas.

## RELAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO

- Reconhece que não pode ser leal a Deus e desleal à Sua obra. Segue as instruções da organização.
- Sem medir impedimentos de saúde ou incapacidade manifesta, aceita a responsabilidade e o lugar que lhe é determinado.
- Sabe que tanto Deus como a organização esperam resultados. Não procurará cobrir sua falta de produção com uma cortina de escusas, elaborada à base de argumentos. Antes, estará disposto a ouvir conselhos.
- Considera uma honra trabalhar na obra de Deus. Nenhum cargo ou trabalho lhe parecerá demasiado humilde, se sabe que foi chamado por Deus. O cargo que parece ser mais

humilde, agiganta-se proporcionalmente ao tamanho de quem o ocupa.

5. Não cria problemas para a organização; antes a ajuda a resolvê-los.
6. É generoso e desprendido. Dá à obra de Deus seu tempo, suas forças, suas aptidões, seus recursos. Há os que são devidamente aproveitados pela obra enquanto outros, que se aproveitam dela.
7. Cuida mais dos seus deveres do que de seus direitos.
8. Preocupa-se mais com os resultados de seu trabalho do que com o dinheiro que ganha. Os queixosos deviam averiguar o que custa para a organização cada alma ganha. (Seu salário e gastos, divididos pelo número de almas ganhas.)

#### RELAÇÃO PARA COM OS DIRIGENTES

1. Tem o devido conceito do que é a organização e sabe que a mesma não pode existir sem dirigentes. Constitui-se num colaborador imediato dos mesmos.
2. Procede com lealdade. Se discorda dos dirigentes, exporá seu ponto de vista com humildade e se não é tomado em conta, nem por isso nega sua colaboração.
3. Não é adúlador nem servil, mas respeitoso, serviçal, cortês, cumpridor e diligente com respeito às ordens recebidas. *Obreiros Evangélicos*, pág. 486. A diligência consiste em fazer as coisas devidas, no devido tempo e na devida forma.
4. Não cuidará em ressaltar os defeitos e erros dos dirigentes.
5. Sabe que não sobe por classificação, mas pelo chamado de Deus para uma responsabilidade. Não culpa os dirigentes que não lhe dão uma oportunidade.
6. Livra-se da inveja. Sabe que Deus e a organização guiarão as coisas de tal maneira que possa ocupar o cargo, a responsabilidade e o lugar que mais convenham aos fins da obra. "A luta pela supremacia manifesta um espírito que, se nutrido, fechará a entrada no reino de Deus."
7. Não alimenta amarguras. "Tôda a amargura... seja tirada de entre vós." (Efés. 4:31). "Nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem." (Heb. 12:15). "Regozijai-vos sempre." (I Tess. 5:16).

#### RELAÇÃO COM OS COLEGAS

1. Colabora com o corpo ministerial, facilitando-lhe no trabalho que possa. "Porque nós somos cooperadores de Deus." (I Cor. 3:9). Deus é o Dirigente supremo. Com diferentes responsabilidades em Sua obra, nós somos Seus imediatos colaboradores humanos.
2. Alegra-se com o triunfo do companheiro. Não diminui seus méritos dizendo que o campo era mais fácil, maior a ajuda material ou a equipe mais eficiente.
3. Vale-se da emulação no bom sentido e da ambição sadia em sua autodisciplina.
4. Os maiores triunfos do Evangelho serão as razões de seu esforço e do desejo de vencer. Não será movido pelo prazer mórbido de der-

rotar ou rebaixar um companheiro; a satisfação do orgulho pessoal, o desejo de galgar posições, ou ganhar mais dinheiro.

5. Trocará idéias, empreenderá propaganda evangelizadora com êxito, usará de métodos frutíferos no evangelismo ou obra pastoral, etc.
6. Em conversação franca e cristã, remove qualquer dificuldade que possa surgir entre colegas.  
"É sempre humilhante ver seus próprios erros apontados. Ninguém deveria tornar a prova mais amarga por desnecessárias censuras. Ninguém já foi conquistado por meio de repreensão; mas muitos têm sido assim alienados, sendo levados a endurecer o coração contra as convicções. Um espírito brando, uma maneira suave e cativante, pode salvar o desviado, e encobrir uma multidão de pecados."  
—*A Ciência do Bom Viver*, pág. 166.
7. Não pronunciará juízos ou insinuações que minem a confiança que se tenha num colega de ministério.
8. Se tem algo a dizer, dirá a quem diz respeito, onde e quando fôr conveniente.

#### RELAÇÃO PARA COM OS SUBALTERNOS

1. Procede com dignidade de chefe, porém com atitude de companheiro.
2. Distribui a tarefa e zela pelo seu cumprimento. Vale-se de sua experiência ou conhecimentos para que o auxiliar triunfe. Ensina tanto pela prática e exemplo como pela teoria e preceito.
3. Não evita as coisas difíceis nem as deixa a cargo do auxiliar.
4. Alegra-se se seu auxiliar o supera. Reprime os ciúmes se a congregação demonstra simpatia para com o auxiliar.
5. Atende as opiniões e sugestões. Se as contradiz, o faz com fundamento e não para demonstrar autoridade.
6. Requererá trabalho e cumprimento dêle, porém reconhecerá e fará apreciação do dever cumprido.
7. O que exige, o faz mais pelo estímulo do que pela ordem autoritária.
8. Alternará o trabalho árduo com um descanço ou reunião de camaradagem. "... e repousai um pouco" (S. Mar. 6:31).
9. Compartilha o êxito.

#### RELAÇÃO PARA COM A IGREJA

1. Orienta, instrui e conforta os membros. Não castiga nem exige demais. *Ilustração*: Estando na Palestina, um turista surpreendeu-se ao ver um homem que fustigava o rebanho em vez de conduzi-lo. Ao interrogá-lo recebeu a seguinte resposta: "Não senhor eu não sou o pastor. Sou o marchante."
2. Ganha a simpatia e confiança da congregação. Poderá conseguir por meio de:
  - a. Trabalho
  - b. Apresentação de alimento espiritual sólido.
  - c. Ajuda aos irmãos na resolução de seus problemas.
  - d. Apresentação de resultados positivos.
  - e. Estudo de psicologia e aplicação sincera e correta dos princípios desta ciência.

(Continua na pág. 16)



## Como Deus Prepara um Ministro\*

J. L. SHULER  
Evangelista Veterano



SE deseja saber como Deus prepara um ministro, estude Isaías 6: 1-9. Esta é uma experiência típica. Deus prepara o ministro da mesma maneira que preparou Isaías para ser Seu porta-voz. Ellen G. White, depois de referir-se sobre Isaías 6:

1-9, diz: "Esta representação operar-se-á repetidas vezes [na vida dos que se consagraram]." — *A Manual for Canvassers*, pág. 19.

Isto pode ocorrer com você, nesta mesma noite, se fizer sua parte. Esta experiência parece consistir de seis estágios ou fases sucessivos, representados por seis palavras: *revelação, abnegação, transformação, comiseração, dedicação e autorização*. Parece haver perfeito equilíbrio nelas. Três destas — abnegação, comiseração e dedicação — representam o que você fará por Deus ou para Deus. As outras três — revelação, transformação e autorização — representam o que Deus fará por você se você fizer as outras três. Deus jamais falha, se você fizer sua parte.

O primeiro ponto desta experiência é: "Vi também ao Senhor." Isto é visão ou revelação. Quão importante é que você e eu víssemos Jesus.

O Livro diz: "Onde não há visão o povo perecerá." Foi uma visão de Jesus no caminho para Damasco que marcou a conversão de Saulo, o maior perseguidor, em Paulo, o maior apóstolo.

A súplica de nossa missão como ministros e leigos é revelar Cristo a um mundo perdido. Entretanto jamais esqueça isto — penetre no profundo recessos de sua consciência — você não poderá revelar Cristo a nenhuma alma a menos que Cristo seja primeiro revelado em você. Uma revelação de Deus em sua alma — é aqui que todo evangelismo se inicia. Não procure realizar o evangelismo a não ser que possa começar com ele.

Tomemos como exemplo os apóstolos, aqueles valorosos pregadores do evangelho. Tinham esta experiência pessoal e ensinaram com base nela. Disseram: "Vimos, ouvimos e experimentamos. Somos Suas testemunhas." Deus não espera advogados para defenderem-no. Não necessita de ninguém. Não precisa de defesa. Deus espera testemunhas — pessoas que possam contar de Sua graça salvadora e o que a mesma por elas tem feito.

\* Sermão pregado na Universidade Andrews.

O apóstolo Paulo foi incentivado por uma dupla visão. Teve primeiro uma visão de Cristo na cruz. Disse êle: "Eu morro diariamente. Estou crucificado com Cristo." Isto foi uma experiência pessoal. Ele não pregava teoria, não pregava teologia, pregava da experiência. Erigia a cruz de Cristo no coração cada manhã, e ali conservava esta cruz pelo dia todo.

Em segundo lugar, teve uma visão das almas remidas que por fim estarão ao redor do grande trono branco de Deus por intermédio de seu trabalho em colaboração com o Espírito de Deus. Paulo levou a cabo uma campanha evangelística em Tessalônica. Estabeleceu ali uma vigorosa igreja. Mais tarde escreveu duas cartas a seus conversos de lá. Observe-se em I Tessalonicenses 2:19 e 20: "Por que, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em Sua vinda? Na verdade vós sois a nossa glória e gozo." Ele aguardava a segunda vinda de Jesus enquanto unia os conversos que aceitaram o evangelho por intermédio de seus trabalhos em Tessalônica. Paulo foi encorajado por esta dupla visão. A maior parte de nós pensaria que se estivéssemos numa prisão, presos com corrente a um soldado, seria tempo de parar de pregar. Foi assim que Paulo fez? Não! Conquistou honestamente algumas almas na família de César.

Pense nisto. A medida de um homem são os motivos para detê-lo. Embora prisioneiro, Paulo dava testemunho. Por ocasião de sua morte foi estimulado por uma visão de Cristo na cruz, tendo uma multidão de pessoas ao redor do grande trono branco. Creio que todo ministro, jovem ou velho, devia ser dominado por esta dupla visão.

É interessante notar como Paulo se submeteu a esta maneira de Cristo revelar-Se a êle para que pudesse dêle pregar. Em Gálatas 1:15 e 16, dá-nos êle uma pequena informação de como entrou para o ministério. Diz: "Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela Sua graça." Com que propósito Deus revelou Seu Filho em Paulo e para Paulo? O apóstolo diz: "Revelar Seu Filho em mim, para que O pregasse entre os gentios."

Homem algum pode pregar Cristo a menos que Cristo seja primeiro revelado nêle. Esta é a verdadeira base para ser um pregador. É muito im-

portante que o jovem que se inicia no ministério tenha uma idéia correta do que é ser um pregador. Deus lhe revela Seu Filho em sua experiência pessoal, para que você possa pregá-Lo às almas perdidas em qualquer parte.

Muitos jovens freqüentam o colégio sem nenhuma visão. Acham que seus estudos são mais ou menos escravizantes pois a tarefa sem visão é servidão. Alguns fazem planos que estão acima das nuvens. Eles jamais descem à Terra com algo prático. Uma visão sem uma tarefa é apenas um sonho. O que você precisa enquanto está no Emmanuel Missionary College e na Universidade Andrews é uma tarefa com uma visão adequada, pois uma tarefa com uma visão adequada traz vitória.

Sem a visão adequada não haverá desejo de verdadeiro entusiasmo em seu serviço. Sem desejo de verdadeiro entusiasmo não haverá genuíno sacrifício, e não haverá esforço sincero. Sem sacrifício e esforço sincero não haverá em verdade duradouro sucesso. E em verdade sem duradouro sucesso não pode haver recompensa eterna.

A Bíblia mostra que nenhum homem ou mulher jamais consegue a visão moral adequada a menos que ele ou ela sejam na realidade levados face a face com o Senhor Jesus Cristo. Muitas vezes penso naquela última reunião íntima que Jesus teve com os discípulos. Você se recorda da surpreendente pergunta feita por Filipe. Disse ele: "Mostra-nos o pai, o que nos basta." Penso poder imaginar a prova de desapontamento no coração de nosso Senhor quando olhou para Filipe e disse: "Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido, Filipe?"

Como ocorre com você? Tem seguido a Jesus há cinco anos, dez, quinze ou mais, e ainda não O conheceu como deve? Poderia esta noite Jesus chamar meu nome e dizer: "John Shuler, você tem sido ministro por todos estes anos e ainda não Me tem conhecido realmente?" Em que proporção permite que Jesus Se revele em você todos os dias aqui no colégio? São suas palavras, ações e até olhares, o reflexo deste Cristo poderoso?

Psicólogos dizem que nenhum homem pode encontrar seu lugar na vida a menos que primeiro encontre-se a si mesmo. Cristianismo vai além disto. Cristianismo diz que nenhum homem pode encontrar seu lugar na vida a menos que encontre primeiro a Deus. A vida inicia-se com Deus. Foi desta maneira que sucedeu com Isaías. Isaías não encontrou-se a si mesmo antes que primeiro visse a Deus. Disse ele: "Eu vi o Senhor." E então? "Ai de mim, que vou perecendo! ... e os meus olhos viram o Rei."

Note-se que a revelação de Cristo à alma conduz à abnegação. Foi desta maneira que sucedeu com Isaías. Assim que viu a Deus renunciou-se a si mesmo imediatamente. É esta a única maneira que podemos ter um verdadeiro conhecimento do eu. Diz Ellen G. White: "Só de um modo o verdadeiro conhecimento do próprio eu pode ser alcançado". E qual é esse único modo? "Precisamos olhar a Cristo". Precisamos olhar a Cristo e quando assim o fizermos, "veremos nossa atonia, pobreza e defeitos, como realmente são". — *Parábolas de Jesus*, pág. 159.

Em *Testemunhos para Ministros*, págs. 264 e 265, lemos: "A existência do pecado é inexplicável; portanto nenhuma alma sabe o que Deus é enquanto não se vê à luz que reflete da cruz do

Calvário, e, na amargura de sua alma detesta-se a si mesmo como um pecador." A vida de Cristo é um modelo da Divindade. O caráter de Cristo nos mostra nossos defeitos morais e espirituais. Ele é o perfeito Exemplo. Quando O contemplamos vemos nossas próprias fraquezas morais e espirituais.

Tôda vez que contemplava a pureza de Jesus, a paciência de Jesus, a humildade de Jesus, o amor de Jesus, então sentia minha própria condição perdida. Quando eu via a Jesus em toda a Sua bondade, então sentia-me pronto a renunciar-me a mim mesmo. Foi assim que sucedeu com Isaías. Quando ele viu o Senhor, então disse: "Vou perecendo! ... meus olhos viram o Rei."

Observe-se que abnegação conduz à transformação divina. Quando Isaías sentiu sua própria condição perdida e renunciou-se a si mesmo, veio então o influxo da graça transformadora de Deus. Pronunciaram-se as palavras: "A tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado."

Assim ocorre comigo e com você. Quando vejo a Jesus tão puro, benigno, amoroso, manso, humilde, abnegado e submisso, então sinto quão longe estou do alvo. Estendo as mãos a Jesus e digo: "Senhor, torna-me puro." "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto." (Sal. 51:10.) Vem então o influxo de Sua graça transformadora. "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram: eis que tudo se fez novo." (II Cor. 5: 17.)

Observe-se que esta transformação leva à comiseração. Leva à piedade e simpatia com os perdidos. Produz um desejo de trabalhar pelas almas. Esta graça transformadora de Deus no coração sempre produz compaixão pelos perdidos, e como Paulo devemos viver, não para nós mesmos, mas para Aquêles que morreu por nós.

Quando Isaías teve a revelação de si mesmo e experimentou a graça transformadora de Deus, distinguiu então uma voz. "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?"

O primeiro impulso de um coração regenerado é de contar a outros do maravilhoso Salvador que encontrou em Jesus. Evangelismo é a primeira lei da regeneração. "Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário. Assim que vem a conhecer o Salvador, deseja pôr os outros em contato com Ele." — *A Ciência do Bom Ver*, pág. 102.

O apêlo evangelístico é simultâneo com o novo nascimento. A seguir note-se que comiseração, a responsabilidade de trabalhar pelas almas perdidas, leva à dedicação para a tarefa. Quando Isaías sentiu a necessidade dos perdidos então respondeu: "Eis-me aqui, envia-me a mim." Quando sentimos esta necessidade, virá nossa dedicação e diremos com Isaías: "Eis-me aqui, ó Senhor, envia-me a mim."

Esta espécie de dedicação humana leva à divina autorização. Quando preparado desta maneira, Isaías dedicou-se à obra, vindo então do onipotente Deus esta palavrinha de três letras: "Vai". A palavra de Deus é poderosa. Não se engane com ela. Todo poder de Deus concentra-se em Sua Palavra. Ele fala e tudo se faz. Ele ordena e tudo se cumpre. Ele disse no princípio: "Haja luz", e desde então tem havido luz.

Quando Deus diz: "Vai", a preparar um homem ou mulher, há todo o poder que seja neces-

sário neste "Vai" para ajudá-lo a fazer o que Deus quer que você faça. Ele disse ao homem paralítico no poço de Betesda: "Toma tua cama e anda". Havia poder, nestas poucas palavras, para fazer com que o homem inválido se levantasse e andasse, e levasse sua cama. Jesus foi a um túmulo onde um homem havia sido sepultado há quatro dias. Disse Ele: "Lázaro, sai para fora." Havia poder nestas quatro palavras para fazer com que aquele homem morto revivesse e saísse para fora do túmulo.

A lição para você, jovem, é ser um jovem preparado de Deus. Quando Ele lhe diz para sair e trabalhar em Kalamazoo ou dar um estudo bíblico, ou dirigir uma Classe Batismal — há poder neste "Vai" que o capacita a fazê-lo.

É por meio da revelação, abnegação, transformação, comisação, dedicação e autorização que Deus prepara homens para ser Seus ministros. O colégio e a universidade estão fazendo trabalho importante e muito necessário ao preparar homens para o ministério, entretanto a menos que os homens tenham a experiência representada por estas seis palavras, o colégio não pode torná-los verdadeiros ministros de Deus.

Um homem que tenha esta espécie de experiência pode fazer o impossível. Quando Deus diz a este homem: "Vai", todo o poder no Céu e na Terra é garantido para capacitá-lo a realizar a tarefa para Deus. Se um homem tem esta espécie de experiência, pode matar um gigante com algumas pedrinhas como fez Davi. Se tem uma vara,

pode dividir o Mar Vermelho como fez Moisés. Se tem um grupo de apenas 300 homens e estes nada tenham a não ser a buzina numa mão e na outra cântaros vazios, com tochas neles acesas, pode derrotar um exército de 300.000 homens como Gideão fez. Se um homem tem esta experiência, pode levantar-se diante de uma multidão e pregar, e 3.000 almas se converterão ao reino de Deus por um sermão como aconteceu com Pedro.

Certo dia um ministro visitou o lar de João Wesley. Ele entrou em casa onde se sentiu bem, e então o guia o levou ao quarto de oração, onde este homem de Deus despendia horas infundáveis elevando orações a Deus. O ministro pediu ao guia para deixá-lo sozinho por alguns momentos. O guia consentiu e fechou a porta. Ele entretanto foi olhar através do buraco da chave para ver o que este homem faria. Viu-o ajoelhar-se e dizer: "Senhor, enviaste um grande despertamento religioso através de teu servo João Wesley. Agradeço-Te pelo que este homem tem feito, as muitas e muitas almas ganhas e como ele trouxe reavivamento a Inglaterra." Lágrimas começaram a deslizar pela face do ministro, enquanto o guia observava. Ouviu-o então clamar: "Senhor, opera isto de novo, e opera em mim."

Devemos ler Isaías 6:1-9 de joelhos. Orar então: "Senhor, opera isto de novo, e opera em mim. E o Senhor está pronto a fazê-lo. Apelo a cada moço e cada moça. Não gostaria de dizer ao Senhor que deseja que Ele opere isto novamente e faça em você?"

## Código de Ética Profissional dos . . .

(Continuação da pág. 13)

3. É cortês sem ser familiar ou frívolo. Veja-se *Testemunhos Seletos*, E. Mund, Vol. 2, págs. 234-244.
4. Abstém-se de todo o favoritismo.
5. Exorta e aconselha aquele que pode suportar a prova.
6. Não desanima com a incompreensão ou ingratidão de seus beneficiados.
7. Usa de muita paciência sem desmerecer a dignidade e autoridade pastorais.
8. Adere às normas e princípios que dignificam o caráter e resultam num convite e desafio para os membros da alcançar um nível de vida mais elevado.
9. Não emprega a dureza nem a lisonja. Diz o Espírito de Profecia: "Necessitam-se pastores — pastores fiéis — que não lisonjeiem ao povo de Deus, nem o tratem duramente, mas que o alimentem com o pão da vida; homens que sintam diariamente em suas vidas o poder transformador do Espírito Santo e abriguem um forte e desinteressado amor para com aqueles pelos quais trabalham".
10. Defende a igreja ante a organização e esta ante aquela.
11. Corrige e admoesta com tato e bondade. "De pouca utilidade é procurar reformar outros atacando o que podemos considerar maus

hábitos. Tais esforços dão muitas vezes em resultado mais dano que bem. Em Sua conversa com a samaritana, em lugar de desmerecer o poço de Jacó, Cristo apresentou alguma coisa melhor." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 156.

### RELAÇÃO PARA COM O LAR

1. Ensina a ordem, delicadeza, pontualidade e responsabilidade aos membros de sua família.
2. No lar prova-se a idoneidade para o ministério. I Tim. 3:4 e 5. Seu lar serve de modelo a outros lares. Os membros da igreja observam seu lar e seus filhos. A esposa, por estar mais tempo com eles, pode influir mais sobre os filhos que o espôso. Cuida do comportamento dos filhos nas reuniões.
3. É atento e cortês para com a esposa.
4. Auxilia nos cuidados da casa.
5. Realiza passeios com a família.
6. Toma parte em alguma brincadeira com os filhos.

### IDEAL DE BOAS RELAÇÕES

"Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós." (Tito 2:7 e 8).

# A Base das Decisões Genuínas

MELVIN E. MATHERS

Pastor da Igreja de Defiance, Ohio, EE. UU.



**A**CHEI profundamente desafiante o artigo "Fechai Essa Porta!", estampado no O MINISTÉRIO de março-abril de 1962, página 12. Os sete pontos apresentados para fechar a porta de saída são excelentes. Creio, no entanto, haver outros pontos-de-vista que devem ser conside-

rados no que tange a este importantíssimo problema.

Sem preocupar-me com quem está a falha (questão que estou certo ninguém poderá responder) desejaria primeiramente considerar o fato de que a maioria dos apóstatas deixa a igreja depois de dez anos de serem membros. O autor deixa ao leitor a interpretação deste fato. Espero, contudo, não saltarmos a uma conclusão apressada de que, pelo fato de terem sido membros da igreja durante dez anos, eram logicamente cristãos convertidos.

O temor, por exemplo, pode ser motivo que leve uma pessoa a apegar-se a fortes convicções por longo período de tempo. Alguns que têm convicções religiosas praticam atos muito bons e apegam-se tenazmente às suas práticas religiosas a fim de escaparem dos fogos do purgatório ou abrandarem o tormento de um parente no purgatório. Debaixo da forte convicção intelectual dos infalíveis julgamentos divinos, é possível que muitas pessoas se apeguem por muitos anos a certas práticas em esforços próprios para aplacar um Deus irado que está para destruir os injustos na Sua segunda vinda.

Naturalmente os ímpios referidos são os que pecaram além de sua oportunidade de graça. Poderíamos pregar como o fez João Batista: "Quem vos ensinou a fugir da ira vindoura?" (S. Mat. 3:7).

Em nosso falar público ou privado, é aconselhável instar com as pessoas não a fugirem de Deus mas a irem para Ele; não a terem medo de Jesus, mas a confiarem n'Ele. Devemos lembrar-nos de que os homens são salvos pela fé, não pelo medo. O temor torna-os membros da igreja mas jamais os tornará cristãos. Os medrosos serão lançados no lago de fogo juntamente com os homicidas e idólatras (Apoc. 21:8). O medo de Deus, que tão freqüentemente desejamos incutir nas pessoas, deve ser não um temor mas um respeito por Ele. Este assunto da motivação cristã deve ser tratado com muito cuidado e habilidade, de modo que, se possível, o transviado não se sinta rejeitado por Deus ou Seu povo. Algém pode durante dez anos ou mais ganhar a aprovação de Deus e Seus representantes, para finalmente desistir sem nenhuma esperança.

Certo apóstata de meu conhecimento foi convidado por muitos pastores a retornar à igreja. Um dia, seu filho, disse a um destes pastores: "Papai

surpreende-se pelo fato de todos os pregadores adventistas quererem uni-lo à igreja porque o fim do mundo está próximo." O pastor resolveu empregar outro processo de persuasão. Começou a falar ao apóstata acêrca da nova Terra e do amor de Deus pelos pecadores. Depois de ter apelado dessa forma para que se reconciliasse com Cristo, êle respondeu: "Por que devo unir-me à sua igreja?" Este pastor que não se preocupava muito com estatísticas de igreja, acrescentou: "Não lhe pedi que se unisse à minha igreja." Descobriu-se que o homem gostava de jogos de bola que se realizavam às sextas-feiras à noite, e viera a compreender, por dolorosa experiêndia, que alguns dos santos não eram tão santos como deviam. Sua amargura em relação aos membros da igreja e seu amor pelos jogos de bola o haviam impedido de ser cristão. O apêlo do pastor assim se fez: "Não seria uma vergonha se, depois de haver Jesus lhe adquirido um lar a um preço tão elevado, o senhor não o deixa dar-lhe o lar unicamente por que se recusa a deixar os jogos das sextas-feiras à noite, ou um ressentimento contra um irmão?" O trânsfuga não dormiu aquela noite, e na manhã seguinte entregou o coração a Cristo e retornou à igreja.

Um estudo das pessoas e das estatísticas revela que as razões por que pessoas se tornam membros de igreja são muitas e variadas. Um estudo de Teologia, creio, revelará que os únicos motivos reconhecidos pelo Céu são fé, esperança e amor. Faremos bem em conservar em mente estes motivos quando procuramos persuadir os outros a serem leais a Deus a à Sua igreja. O maior destes é o amor. (I Cor. 13:13). O amor a Deus vem em primeiro lugar. A seguir, como resultado de se observar o primeiro princípio, vem o amor ao semelhante (ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 453). Guardamos o primeiro destes dois grandes mandamentos porque conhecemos o amor pessoal de Deus para conosco (I S. João 4:19). A única esperança genuína que podemos ter é que Deus nos ama apesar de nossos pecados.

Alguns jamais chegam ao ponto de decisão porque, embora tenham alcançado a maturidade, dependem de outros pensarem por êles. Podem ter-se educado num lar cristão e freqüentado uma escola cristã. Por isso as estatísticas de batismos são elevadas. Quantos, porém, destes membros de igreja são verdadeiros cristãos? Esta é uma estatística que somente Deus conhece.

Um destes homens era membro de certa igreja. Criara-se num lar adventista, freqüentara a escola paroquial e colégio da denominação, foi batizado como consequência de uma Semana de Oração. Contudo, casou-se com moça não adventista e não pagava o dízimo. Vinha à igreja com muita oposição no lar, trazia os filhos e ensinava numa classe de jovens. Permaneceu firme na guarda do sábado contrariando seu empregador. Tornara-se mem-

bro ativo na igreja por mais de dez anos. Um nôvo pastor mudara-se para aquêlê distrito e começou a pregar uma série de sermões sôbre o que significava ser cristão. Com muito êxito persuadiu os membros que isto devia ser uma decisão pessoal. Teve tanto êxito que êste homem, pela primeira vez, compreendeu que se tornara membro de igreja apenas porque sua mãe e os pregadores o induziram a batizar-se, e porque seus colegas também o fizeram. Posteriormente, livre da influência de seus companheiros cristãos, mas ainda dependente e indeciso, fôra desviado por uma companheiro mundana. Seu atual estado é confusão a respeito do que realmente crê. Ele nada mais foi que um elemento de estatística batismal, e se o atual pastor fôr fiel ao seu dever, o homem provavelmente será outro elemento da estatística da apostasia. As estatísticas podem ser de auxílio, mas sua interpretação acha-se tão envolvida com a natureza humana que devemos considerá-las com muito cuidado.

Mas há também um fato positivo. Um jovem a quem se dirigiu o pastor durante a Semana de Oração, pedindo-lhe que se pusesse ao lado de Jesus e se batizasse. Sua resposta franca foi que seus pais não julgavam que devesse êle batizar-se. A razão que êles apresentavam — segundo o filho — era que êste devia abandonar certos maus hábitos antes de tornar-se cristão. O pastor apelou para êle a decidir-se por si se estava ou não pronto a tornar-se cristão. O pastor, tomando uma fôlha de papel, embrulhou em um pacote de presente contendo miniatura de um lindo lar na Nova Terra. Entregou-o ao jovem, dizendo: "Jesus quer dar-lhe isto como um presente, e tudo o que você tem a fazer é estar disposto a aceitar Seu caminho de vida. Quer isto?" O moço resolveu aceitá-lo, e tenho a certeza de que os anjos regozijaram naquele dia.

Os apelos públicos, onde caibam, também estabelecem a responsabilidade da decisão individual. Certo pastor fazendo a Semana de Oração em um colégio nosso perto de grande cidade, falava em sua mensagem de encerramento sôbre os princípios da recreação cristã. Depois de ter apresentado argumentos a um grupo algo rebelde, declarou: "Vocês podem não concordar comigo, e não estou muito preocupado se concordam ou não, mas no que

quer que façamos sejamos cristãos." A confiança que demonstrou na capacidade individual dêles em tomarem decisões inteligentes, e o ter tornado claro a responsabilidade dêles em decidir-se solenemente, motivaram um período de silêncio de modo a ouvir-se a queda de um alfinete.

O apêlo de esperança como motivo para firmar as pessoas na igreja é ilustrado na história do após-tata que, durante uma série de conferências numa pequena cidade, fôra visitado. Muitos apelos se lhe fizeram para unir-se à igreja, sem nenhum resultado, pois tinham como argumento o fato de o tempo ser curto, e o de a esposa não se batizar a menos que êle o fizesse. Descobriu-se então que dois obstáculos havia em seu caminho. O principal era que sua incapacidade de viver à altura dos votos batismais desencorajava-o de tentar de nôvo. O outro era que não se achava suficientemente esclarecido a respeito de certo ensino da igreja. O pastor, após inteirar-se disso, levou o livro *Vereza de Cristo* na próxima visita, e leu em voz alta, o capítulo "Fé e Aceitação." Na visita seguinte, deu estudo sôbre o dom de profecia outorgado à igreja. O homem fez sua decisão e é hoje fiel ancião da igreja local. O apêlo de esperança acha-se no livrinho *Vereza de Cristo*.

É necessário que os pastôres estudem as pessoas e os motivos, além do Grego, do Hebraico e das estatísticas.

Há, creio, grande perigo em superestimar as estatísticas em detrimento do ministério. O encargo do ministério, como o entendo, não é aumentar as estatísticas, mas persuadir os homens, mulheres e jovens de ambos os sexos, dentro e fora da igreja, a lançarem o fardo de sua culpa em Jesus e aceitar Sua justiça. Êles não poderão assumir uma atitude desta sem que sejam inspirados a terem fé em lugar do mêdo, esperança em lugar do desânimo, e amor em lugar do desprezo. Se sinceramente são levados a Deus, são persuadidos a terem estas virtudes.

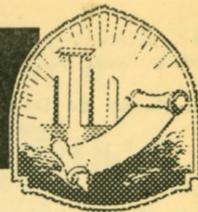
Diante de nós há o desafio de empregarmos todos os meios ao nosso alcance de tornar Deus conhecido dos homens, e levar pessoas à decisão. Se estivermos dispostos a deixar as estatísticas e serem o que êles e Deus as fizerem, logo assistiremos ao derramamento do Espírito Santo de que tanto necessitamos para finalizar a obra.

### Antes Que o Rei Pudesse Recebê-lo

Havia um jovem músico na Banda Real de Hanover. Era um rapaz bem talentoso para sua idade, e sua impecável execução granjeou-lhe muito louvor. Gostava de tocar música marcial à frente das tropas, porém quando eclodiu a guerra, e devendo jazer nas trincheiras a noite tôda, desertou e fugiu para a Inglaterra. Ora, em caso de deserção, como sabemos, a pena é a morte, normalmente aplicada quando o desertor é capturado. Êste homem, porém, não foi apanhado. Tornou-se um grande organista. Tinha, no entanto, fortíssima inclinação pelos corpos celestes, tornando-se também um grande astrônomo. Com enormes dificuldades, construiu um telescópio, e então perscrutava os céus noite após noite, até que, certa noite, descobriu, de fato, um nôvo planeta. Comprovou a descoberta, e recebeu então os aplausos do mundo inteiro. Fôra enviado ao rei, dirigindo-se ao Castelo de Windsor. O rei era Jorge, de Hanover, o soberano a quem a vida do rapaz era reclamada para punição em virtude da deserção do exército. O rei reconheceu-o também; e que faria êle? Antes que o rei o abordasse, o homem foi solicitado a abrir um envelope que continha uma comunicação real. Assim o fez, ansioso por saber o que o rei faria com êle. Era o perdão para o desertor.

— Agora — disse o rei Jorge — podemos conversar. O senhor poderá vir e viver em Windsor e ser Sir William Herschel.

Como isto é semelhante ao fato de Deus perdoar o pecador! Êle não apenas o perdoa, mas o honra, tornando-o filho de Deus. — 3.000 *Illustrations for Christian Worship*.



## O Dom de Línguas

PROF. VICTOR E. AMPUERO MATTA



HÁ os que põem ênfase especial no dom de línguas, como se fôsse sinal decisivo para distinguir os legítimos seguidores do Mestre daqueles que apenas o professam ser mas na realidade não o são. Por essa razão, é conveniente estudar o tema para dar-lhe o alcance que realmente deve ter.

Em primeiro lugar, é indispensável lembrar que o dom de línguas não pode ser desligado de outros dons do Espírito.

O apóstolo S. Paulo dedica duas passagens a êste assunto. Encontram-se em Efésios 4 e I Coríntios 12. Neste segundo capítulo, menciona "variedade de línguas" e "interpretação de línguas" (ver 10).

A expressão grega empregada por S. Paulo é *tá carismata* (os dons). Com ela se relaciona nosso adjetivo "carismático". Por isso fala-se na "era carismática". É o período que vai do dia de Pentecostes até aproximadamente o ano 100 de nossa era (uns 70 anos).

Durante êsse período, era natural que os cristãos se referissem a algum dom do Espírito que podiam partilhar (ver Rom. 1:11). Em nossos dias, não usaríamos essa linguagem pois os dons não atuam com a relevância que tinham então.

A maneira acentuada em que se manifestou o poder de Deus em Sua igreja nascente pode exemplificar-se com diversas passagens da narração de S. Lucas nos Atos dos Apóstolos. Servem de exemplo a maneira com que S. Paulo deixou cego a Elimas, o encantador (cap. 13) e às ressurreições de Dorcas e Eutico (caps. 9 e 20).

Durante êste período, não somente o Espírito atuava de forma prodigiosa por meio dos apóstolos, usados como instrumentos dos dons, mas também se realizaram notáveis milagres por direta intervenção do Céu. Como exemplos, mencionaremos o livramento de S. Pedro do cárcere (cap. 12); a libertação de S. Paulo e Silas (cap. 16); e a maneira em que Filipe foi arrebatado pelo Espírito quando pregava o Evangelho ao etíope (cap. 8).

Os prodígios que acompanhavam os pregadores da nascente igreja haviam sido prometidos pelo próprio Cristo, como se lê em S. Mar. 16:17 e

18. E êsses "sinais" eram para confirmar "a palavra" (ver. 20).

### Manifestação Especial do Dom de Línguas

No dia de Pentecostes, ocorreu uma demonstração excepcional do dom de línguas, dando lugar a que haja pessoas que a tomem como sinal básico para identificar a igreja de Deus na Terra.

A êsse dom dedica S. Paulo o capítulo 14 de sua primeira carta aos Coríntios. Não é justo tomá-lo isoladamente, pois êle é um prolongamento natural do capítulo 12, no qual o apóstolo se ocupa dos dons do Espírito em seu conjunto. O capítulo 13 é apenas um parêntese para ressaltar o amor como "um caminho mais excelente" (I Cor. 12:31).

Se há uma explicação mais extensa quanto ao dom de línguas, é porque seu uso indevido podia dar lugar à confusão e ao descrédito. (ver I Cor. 5, 9, 13, 16, 23, 27 e 28). Citaremos apenas um destes versículos: "Se pois tôda a igreja se congregar num lugar, e todos falarem línguas estranhas, e entrarem indoutos e infieis, não dirão porventura que estais loucos?" (ver. 23).

Neste capítulo, o apóstolo também se ocupa do dom de línguas em sua forma natural. Diz-nos "Dou graças a Deus, porque falo mais línguas do que vós todos" (ver 18). O erudito rabino, educado aos pés de Gamaliel, falava aramaico como idioma sagrado das Escrituras; suas epístolas nos contam que usava fluentemente a língua *koiné*, derivada do grego (Ver também Atos 21:37); deve haver falado o latim, pois os altivos magistrados romanos diante de quem teve de comparecer não permitiam que se lhes falasse noutra idioma. Não sabemos se falava ou conhecia outras línguas.

É notável também que neste capítulo se apresenta o dom de profecia várias vêzes (Versículos 1, 3, 4, 5, 22, 24, 29, 31, 32 e 39) em comparação com o dom de línguas. O dom de profecia é exaltado, e há advertência quanto ao uso correto do dom de línguas. É indubitável que por "profecia" se entende a faculdade de exortar e instruir; de repreender e corrigir, mais do que dom manifestamente natural de predizer o futuro.

Fica, pois, estabelecida esta verdade: o dom de línguas não é tratado como alguma coisa isolada, à parte. Constitui parte de um conjunto de dons emanados todos do "mesmo Espírito" (I Cor. 12:

4). E seu emprêgo sòmente poderia ser eficaz se usado "para edificação" (I Cor. 14:26).

### A Razão do Dom Pentecostal de Línguas e Como se Manifestou

Os judeus dispersos pelas diversas regiões do Império Romano já não falavam a mesma língua. Era bem grande o poliglotismo dos "adventícios da diáspora" (I S. Ped. 1:1 Versão Straubinger), chamados "estrangeiros dispersos" em nossa tradução Almeida.

Lemos a respeito: "Durante a dispersão os judeus tinham sido espalhados por quase tôdas as partes do mundo habitado, e em seu exílio tinham aprendido a falar várias línguas. Muitos dèsses judeus estavam nessa ocasião em Jerusalém assistindo às festas religiosas que então se realizavam. Cada língua conhecida estava por êles representada. Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fêz por êles o que não teriam podido fazer por si mesmos em tôda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em tôda parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho dêles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem êles no idioma materno ou numa língua estrangeira" (*Atos dos Apóstolos*, págs. 39 e 40).

Este prodígio foi imperiosamente necessário porque nessa época não havia as facilidades de que hoje dispomos. Não havia dicionário. Por isso, para poder conhecer com maior exatidão possível o significado de uma palavra duvidosa do grego clássico, por exemplo, é imprescindível recorrer aos autores da época e, mediante uma demorada comparação de seus escritos, é possível determinar o sentido que davam à palavra cuja significação se procura conhecer. Além disso não havia maneira alguma de imprimir-se o que se escrevia e isso constitui sério entrave ao intercâmbio humano, e com maior razão, ao tratar-se de pessoas de línguas diferentes.

### Em Nossos Dias

Os dias em que vivemos caracterizam-se por esforços decididos de Satanás para enganar "se possível até os escolhidos" (S. Mat. 24: 24).

Um dos meios que o maligno emprega para estabelecer confusão e engano é a falsificação dos dons do Espírito em algumas de Suas manifestações. Há os que dizer poder usar o dom de curar de modo particular. Ao fazê-lo, negam mesmo a existência das enfermidades e pretendem que tudo se pode curar com oração. Embora não duvidemos do poder da oração, não concordamos com a maneira em que se faz estardalhaço do dom, averbando-o de "ciência". Outros pretendem ter tido uma revelação profética especial que se manteve escrita em caracteres misteriosos em certas placas desaparecidas. Há os que dizem receber de modo especial o "batismo do Espírito" que os habilita a falar línguas desconhecidas. Finalmente há uma falsificação do dom de interpretação profética da parte dos que aplicam os sete tempos de Nabucodonosor (Daniel 4) como algo simbólico aplicável aos sete tempos dos gentios de S. Lucas 21:

24, com que se origina uma explicação que confunde a muitos quanto a maneira visível e literal em que virá nosso Senhor Jesus Cristo.

A tôdas estas imposturas se devem aplicar as duas provas estabelecidas biblicamente. "A Lei e ao Testemunho! Se não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva" (Isa. 8:20). "Pelos seus frutos os conhecereis" (S. Mat. 7:16).

Não podemos imaginar, nem por um momento, que um pretenso operador de milagres seja dirigido por Deus, quando guia seus ouvintes com este estribilho: "Viva a graça, morra a lei!"

Tampouco podemos aceitar como legítimo um dom de línguas que dê lugar a cenas de desordem e confusão. Não havendo "edificação", não há nenhum propósito em se ouvirem gritos desconexos, sílabas sem sentido e se adotem atitudes que revelam fanatismo.

### Conclusões

No que tange ao dom de línguas e à forma em que realmente poderia manifestar-se como legítimo instrumento de Deus, mencionaremos os seguintes pontos:

1. Sendo um dos dons do Espírito, não pode ocorrer sem estar acompanhado de outras manifestações celestiais de que fala S. Paulo em Efésios 4 e I Coríntios 12.

2. Foi indispensável nos dias da antiguidade, quando se iniciava a pregação do Evangelho. Poderia ser necessário também hoje, em circunstâncias que Deus julgue conveniente, porém sempre para a "edificação."

3. Assim como os dons do Espírito foram acompanhados por milagres genuínos nos dias apostólicos, assim também em nossos dias devemos ser muito cautelosos quanto à identificação do que se pretende fazer passar por milagre ou "sinal" de origem divina.

4. No que se refere ao dom de línguas, será necessário distinguir entre o que realmente é idioma e o que são incoerências sem nenhum propósito. Se conseguem alguma coisa, é sem dúvida desacreditar o nome do cristianismo.

5. Será necessário documentar o que afirmam os que dizer ter ouvido blasfêmias pronunciadas em idioma chinês enquanto se realizava uma reunião dos que pretendem ter o dom de línguas.<sup>1</sup> Se isto fôr exato, seria exemplo de que se falou em idioma que não o materno, porém não para honra e glória de Deus, mas para o contrário a ela.

6. Quando Deus nos promete Seu Espírito é para que sejamos fiéis à Sua vontade e Lhe obedecemos. Ensina-nos o profeta: "E porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis os Meus juízos, e os observeis" (Ezeq. 36:27). "Os que guardam os mandamentos do Deus, e a fé de Jesus (Apoc. 14:12), são chamados para serem os depositários legítimos dos abundantes dons do Espírito.

<sup>1</sup> Foi-nos dito que o pastor Fordyce Detamore, evangelista de muito êxito nos Estados Unidos, escutou ditas blasfêmias em idioma chinês. O pastor Detamore trabalhou durante muitos anos no Extremo Oriente. Sem dúvida, seria necessário ter todos os elementos probatórios para apresentar públicamente êste fato, excessivamente grave.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## O Fundamento da Observância Sabática

(Original em Inglês, de págs. 149 e 153)

### Pergunta 15

Qual é, de fato, a base dos adventistas do sétimo dia observarem o sábado como dia de repouso, em vez do domingo, comumente denominado "dia do Senhor" ou "sábado cristão"?

Creemos que o sábado foi instituído no Éden antes que o pecado entrasse no mundo, que êle fôra honrado por Deus, separado por determinação divina, e dado à humanidade como perpétuo memorial da criação concluída. Isto se fundamentou no fato de o próprio Deus ter repousado de Sua obra criadora, abençoado o sábado, ou dia de repouso, e o santificado, separando-o para o homem (Gên. 2:1-3; S. Mar 2:27). Cremos, igualmente, que não foi outro senão o próprio Filho de Deus, a segunda pessoa da eterna Divindade, o criador mencionado em Gênesis 1:1-3, e que, por conseguinte, estabeleceu o sábado original (S. João 1:3; I Cor. 8:6; Col. 1:16 e 17; Heb. 1:1 e 2).

Conquanto esteja o sábado entesourado no coração dos mandamentos de Deus, cumpre lembrar que Jesus disse: "O Filho do homem é Senhor também do sábado" (S. Mar. 2:28). Em outras palavras, Êle é seu autor e seu instituidor. É seu protetor. O sábado é o "sábado do Senhor [Jeová] teu Deus" (Exo. 20:10). Portanto Cristo é seu senhor; o sábado Lhe pertence. É Seu dia; o dia do Senhor. Pelo fato de nós, como Seus filhos adquiridos pelo Seu sangue, Lhe pertencermos e vivermos n'Ele, e Êle viver em nós (Gál. 2:20), quão natural que a observância do sábado, entre outras expressões de amor e lealdade para com Êle, deve ser revelado em nossa vida.

Entendemos que o sábado não fôra inicialmente dado apenas para proporcionar um descanso da exaustão física, mas sim para o mais elevado bem do homem — bem espiritual; intelectual e físico. Destinava-se originalmente à comunhão com Deus, conquanto é a presença de Deus que proporciona o repouso e santifica. Depois, porém, da queda do homem, proporcionou também o necessário repouso físico.

Muitos séculos depois, o repouso *semanal* do sétimo dia foi reafirmado no Sinai (Exo. 20:8-11; 31:16 e 17). Deus outorgou a Seu povo escolhido um sistema organizado de culto. Este preceito

do sábado foi colocado no centro da lei moral, ou Dez Mandamentos, dados por Deus ao homem. A lei formulava princípios eternos, baseados nas permanentes relações do homem para com Deus e do homem para com o próximo, sendo aplicada na Terra. O sábado dessa forma lembra ao homem a obra de Cristo como Criador, Sustentador e Benfeitor e agora, por causa do pecado, como Redentor.

Além disso, foram introduzidos certos festivais *anuais*, ou sábados cerimoniais, que recaiam em *determinados dias do mês* e ligados com ritos sacrificiais mosaicos. Prefiguravam a provisão evangélica da salvação pela vinda do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (S. João 1:29). O Decálogo, porém, selado com os lábios e com o dedo de Deus, foi exaltado acima de todos os ritos e cerimônias judaicas. Isto se torna evidente à vista do fato de que o sábado foi estabelecido antes de o homem ter pecado, e portanto antes que êle tivesse necessidade de um Redentor. Não era *parte* dos regulamentos cerimoniais motivados pela entrada do pecado, os quais foram anulados pela morte de Cristo (Col. 2:17). Assim os Dez Mandamentos e o evangelho em figura, em união inseparável, foram afirmados ao Israel da antiguidade.

Dessa forma o sábado, estabelecido no Éden, foi guardado pelos patriarcas, pelos profetas e pelo povo de Deus através dos séculos das trevas do paganismo. E quando Cristo veio, em Sua encarnação, Êle do mesmo modo observou o sétimo dia como dia de repouso (S. Mar. 6:1 e 2; S. Luc. 4:16 e 31), e era "Senhor também do sábado" (S. Mar. 2:28) — o Criador que estabeleceu o sétimo dia original de repouso da obra da criação.

Cumpriu Êle também, na realidade antitípica, os tipos da redenção do Velho Testamento — morrendo como "Cordeiro de Deus", em morte vicária, completamente eficaz e expiatória em favor do homem, no determinado décimo-quarto dia (ou Páscoa) do primeiro mês. O Salvador morreu, cremos, no sexto dia da semana. A seguir, depois de permanecer no túmulo todo o sábado do sétimo dia, Cristo ressurgiu triunfante da morte no primeiro dia da semana. O sistema cerimonial típico cessou ao completar Cristo Seu grande ato redentor.

O Decálogo e o evangelho-em-realidade, porém, permaneceram como guias contínuos do cristão, um apresentando a norma, e o outro proporcionando o poder que capacita a sua observância.

Os textos do Nôvo Testamento que mencionam especificamente o primeiro dia da semana (S. Mat. 28:1; S. Mar. 16:1, 2 e 9; S. Luc. 24:1; S. João 20:1 e 19; Atos 20:7 e 8; I Cor. 16:1 e 2) não podem ser corretamente empregados de forma a impor a observância do domingo, ou como sugerindo a transferência do sábado do sétimo para o primeiro dia.

O sábado do sétimo dia continuou a ser guardado pelos seguidores de Cristo durante vários séculos. Contudo, ao lado do sábado houve uma gradativa observância do que se tornou conhecido como o festival da ressurreição, celebrado no primeiro dia. Esta observância data, pelo menos, da metade do segundo século (ver Sócrates, *Ecclesiastical History*, V. 22). E a primeira observância registrada ocorreu em Roma (Justino Mártir, *First Apology*, cap. 67).

Desta forma ambas as observâncias — o sábado e o “festival da ressurreição” — vieram, em certo tempo, paralelas uma à outra. No quarto século, a igreja apostatada — primeiramente no Concílio de Laodicéia (no cânone 29)\* — anatematizou os que continuassem “judaizando,” ou repousando no sétimo dia da semana, e decretou a observância do primeiro dia em lugar daquele (Hefele, *History of the Councils of the Church*, Vol. 2, pág. 316). E assim o costume eclesiástico foi imposto primeiramente por um voto de concílio.

Os adventistas do sétimo dia crêem que esta mudança de dias fôra predita pela profecia bíblica, em Daniel 7:25. A igreja de Roma dirigiu a efetivação dessa mudança para o domingo. A partir de então, o domingo passou a ser observado pela maioria dos cristãos, antes, durante e depois da Reforma Protestante do século dezesseis. O sábado, contudo, ainda continuou a ser observado por alguns em várias partes da Europa e outras partes.

O reavivamento da observância do repouso do sétimo dia, em grande parte, foi empreendido no século dezessete pelo movimento Batista do Sétimo Dia, na Bretanha e no Continente. Os adventistas do sétimo dia iniciaram a promulgação da verdade sabática cerca de 1845-46 na América.

Creemos que a restauração do sábado é indicada na profecia bíblica de Apocalipse 14:9-12. Crendo sinceramente nisto, consideramos a observância do sábado como prova de nossa lealdade a Cristo como Criador e Redentor.

Os adventistas do sétimo dia não confiam na guarda do sábado como meio de salvação ou de conseguirem méritos diante de Deus. Somos salvos exclusivamente pela graça. Daí nossa observância do sábado, como também nossa lealdade a qualquer outro mandamento de Deus, constituir-se numa expressão de nosso amor pelo nosso Criador e Redentor.

## “Para tal Tempo como . . .

(Continuação da pág. 2)

mens que se afastaram numa “ocasião como esta”. Que triste realidade!

O que nos conforta, entretanto, é o fato de que há centenas e milhares de homens de fé e valor que apesar das dificuldades, lutas e mesmo perigos permanecem nas fileiras do ministério, batalhando o bom combate da fé.

O pastor R. R. Figuhr, presidente da Associação Geral, mencionou certa vez um relatório singular de um evangelista das Filipinas, que a seguir reproduzimos:

Séries de Conferências realizadas na tenda	2
Número aproximado de pedras que nos foram atiradas	200
Pessoas atingidas	4
Número de vêzes que derramaram ácido sôbre a tenda	1
Número de facinoras que nos procuraram ferir	4
Número de homens que nos espancaram	2
Total	213
Batismos	53
Pessoas que ainda estão se preparando	31

Deus nos chamou para o serviço. Ele nos convidou para lutar mas também nos chamou para a vitória e para ter uma parte em Seu reino juntamente com as almas que por Sua graça tenhamos conduzido ao Senhor. (Original em Castelhana)

## A Ingratidão de Uma Jovem

NA cidade de Nova York havia uma mãe que salvara sua filhinha, de dez anos de idade, de um incêndio num edifício em chamas. As mãos e o corpo da mãe foram protegidos, porém não o seu rosto que ficou extremamente queimado. Nem com tôda a habilidade dos médicos de Nova York pôde ela ser restaurada a alguma coisa semelhante a seu semblante anterior. Ficou horrível de ser vista. Sempre andava velada ao redor do lar e pelas ruas. Um dia dirigiu-se a uma das estações do metrô na Sexta Avenida, e aguardava o trem quando entrou um grupo de moças estudantes. O abrir da porta provocou uma rajada de vento através da estação. Levantou-lhe o véu, atirando-o para trás. Antes que ela pudesse pegá-lo as escolares lhe viram o semblante desfigurado. Uma das moças era sua própria filha, e, quando as demais recuaram horrorizadas diante da horrenda face, esta jovem fingiu não conhecer a mãe e não falou com ela. Você se espanta com uma ingratitude desta; que pensar de nosso pecado contra Deus? — *More Illustrations and Quotables Poems* por A. Bernard Webber.

# Miscelânea

ARNALDO B. CHRISTIANINI

Redator de O MINISTÉRIO ADVENTISTA



## Os Egípcios e a Imortalidade da Alma

O EGITO é sempre citado pelos historiadores como o primeiro país a crer e ensinar a imortalidade da alma, e praticar ritos relacionados com a vida além túmulo.

A mais notável descoberta arqueológica dos últimos tempos foi, sem dúvida, a de 2 barcos de madeira de cinquenta pés, cavados na rocha de uma profunda câmara mortuária, nas proximidades da Grande Pirâmide. Concluíram os estudiosos que essas naves originais foram ali propositadamente enterradas, há uns quatro mil anos ou talvez mais, a fim de serem utilizados após a morte, pelo rei Kufu, ou Keops, construtor da Grande Pirâmide. De acordo com a crença dos antigos egípcios, a alma deixa o corpo por ocasião da morte, e aqueles barcos foram estrategicamente colocados perto do túmulo do rei, a pirâmide, de modo a servir em condução para que sua alma pudesse viajar através das regiões celestes, servindo um dos barcos para a viagem diurna e o outro para a viagem noturna, até juntar-se ao deus-sol Ra e outras divindades.

Os jornais e revistas do mundo inteiro deram destaque a essa notícia, pois as descobertas arqueológicas sempre lançam luz sobre os costumes e crenças dos povos antigos, e essas peças encontradas pelos escavadores estão sendo de grande valor para o estudo das antigas civilizações. Seria ocioso dizer que este precioso achado veio corroborar a procedência pagã da crença na imortalidade inerente de uma alma que sobrevive ao corpo. Keops, faleceu, porém os seus navios lá permaneceram no subterrâneo, sem serem utilizados, pois o rei-arquiteto, bem como outros faraós que estão em suas múmias, nas tumbas ou nos museus, não saiu ainda de sua casa mortuária, aguardando o despertar da ressurreição.

O célebre "Livro dos Mortos" — ritual necrológico dos egípcios destinado às almas — na sua primeira parte reitera a idéia de "viver outra vez depois da morte, e ter nascido outra vez como o Sol." Na tradução feita pelo erudito Adolpho Birch, lemos: "Os mortos vivem de novo após a morte." (pág. 183). E "Osiris vive após morrer, como o Sol diariamente; porque como o Sol morreu e nasceu ontem, assim nasceu Osiris." (pág. 164).

Inscrições dos monumentos egípcios, denominam o caixão mortuário de "caixão dos vivos".

O renomado egiptólogo francês Gastão Maspero, que empreendeu o desatêrro das pirâmides, na publicação "Resumo dos Trabalhos" (Recueil de Travaux), nos informa de muitas inscrições existen-

tes nas paredes mais interiores das pirâmides localizadas a doze milhas ao sul de Cairo. Reproduzimos algumas *ipsis verbis*: "Ó Unas, fôste levado pela morte, mas vives." — "Ó Rá, teu filho vai a ti, êste Unas vai a ti." — "A vida de Unas é duração; seu período é eternidade." — "Teti é o morto que vive." — "Levanta-te, ó Teti, para não moreres mais." — "Ó Pepi, não morres mais." — "Eles (os deuses) tornam-te feliz através de toda a eternidade." — "Aquêlê que te deu vida e eternidade é Rá." — "Reunido a tua alma, tomas o lugar entre as estrêlas do céu." — "A alma é tua, dentro de ti".

Centenas de outras inscrições do mesmo teor puderam ser lidas.

O Dr. Howard Osgood, em um trabalho publicado na revista "Hebrew Student", em fevereiro de 1885, sob o título "A Ressurreição entre os Egípcios", cita a seguinte inscrição dos monumentos: "Osiris, o filho dos deuses, veio viver na Terra. Sua vida foi um modelo para os outros. Ele foi morto pelo deus do mal, mas readquiriu o seu corpo, viveu de novo, e tornou-se no outro mundo o juiz de todos os homens".

Como se percebe, criam na existência de uma entidade invisível, fluidica e imponderável, que se desprendida do corpo e escalava as alturas, e que Osiris ressuscitara. Fácil é de ver como tão errôneos conceitos escatológicos teriam influído noutros povos e nos próprios israelitas durante o cativo. Que essas crenças estavam sendo adotadas pelos hebreus cativos, provam as severas e reiteradas proibições de práticas necromânticas mencionadas no Pentateuco. E que tais concepções são infensas à revelação divina, se demonstra pela formal profligação vinda do próprio Deus, em declarações inequívocas que porejam nos livros da Escritura.

Não resta a menor dúvida: a crença na existência de "almas" e "espíritos" como entidades que são o homem real, bem como o atributo de terem vida própria e infindável, veio do paganismo. A igreja verdadeiramente de Cristo não pode crer em tais erros.

### Objeção sem Fundamento

Os crentes da imortalidade natural costumam citar S. Mateus 14:26, realçando a expressão de espanto dos discípulos: "É um fantasma!" Afirmando que "fantasma" era "espírito desencarnado". Ora, isso é avançar o sinal, de vez que o grego "phantasma" se traduz com mais propriedade por

# NOTÍCIAS - Da Imprensa



## Templo das Religiões

NUMA reunião realizada em Millersville, Maryland (EE. UU.), a que estiveram presentes dirigentes religiosos e homens de negócios, embaixadores, sociólogos, educadores e artistas, foi proposto o plano de edificar o Templo da Concórdia, em Washington, D.C. como contribuição espiritual das Nações Unidas para o mundo. A senhora Dickerman Hollister, de Greenwich, Connecticut, presidente do conselho de diretores do Templo, afirmou que se esperam 5 milhões de dólares para a construção, e isto provindo de contribuições individuais e de grupos através do mundo livre. O templo terá uma estrutura de seis alas, que servirão como centro educacional e locais de reunião das seis principais religiões: a cristã, a judaica, a budista, a hindu, a muçulmana e a confucionista. Por baixo do templo haverá o Salão das Nações. A senhora Hollister explicou que o plano foi incluído numa solicitação subscrita por vinte diplomatas sediados em Washington, os quais declararam que um dos maiores obstáculos para o entendimento mundial tem sido a falta de fóruns para reunião das várias tendências.

"aparição". Sobre isso há o insuspeito comentário de Broadus (batista), em seu livro sobre S. Mateus, volume II, pág. 56: "Os discípulos criam em aparições, como também os judeus (excetuando-se os saduceus), e todas as nações parecem naturalmente inclinadas a essa crença. A opinião dos apóstolos, *naquele tempo*, não tem autoridade para nós, uma vez que eles ainda *nutriam muitas noções errôneas*, das quais só foram libertados pela subsequente inspiração do Confortador que lhes fôra prometido."

## Alegria Que Vem de Deus

Quando, certa ocasião, se perguntou a Haydn porque em sua igreja as músicas eram sempre tão alegres, o grande compositor deu a mais apropriada e excelente resposta:

— Eu não posso — disse êle — fazê-lo de outra ma-

## Templos na Suécia

Estão sendo construídas na Suécia mais igrejas do que em qualquer outra época desde a Idade Média, de acordo com a Associação de Arquitetos Suecos. Acham-se já em construção ou em planejamento 300 templos. Entre os fatores que contribuem para este incremento de construções religiosas mencionam-se a cisão de grandes igrejas em pequenas congregações e o estímulo que veio da concorrência de construtores de templos no início e meados de 1950.

## Nova Tradução da Bíblia

Concluiu-se em Adis-Abeba, Etiópia, uma nova tradução da Bíblia para o *amárico* — a língua oficial daquele país. Foi trabalho de uma equipe composta de três homens, depois de muitos anos de trabalho. Imprimiram-se dois mil exemplares da nova tradução, que inclui os apócrifos do Velho Testamento. Estudam-se presentemente planos para a publicação dessa revisão pelas sociedades bíblicas Britânica e Estrangeira, e a Americana. As edições por elas impressas, porém, não incluirão os livros apócrifos.

neira; escrevo de acordo com os pensamentos que sinto. Quando penso em Deus, meu coração fica tão repleto de alegria que as notas dançam e saltam, por assim dizer, da minha pena; e uma vez que Deus me concede um coração bem disposto, não é senão natural que eu O sirva com um espírito alegre. — *Selected*.

## A Natureza e a Encarnação de Cristo

(Continuação da pág. 10)

Pai em vez de render-se ao maligno. A tentação assaltou-O mas não encontrou acolhida no Seu coração. Disse Ele: "Aproxima-se o príncipe deste mundo, e nada tem em Mim." S. João 14:30. Ele amou a justiça e aborreceu a iniquidade (Heb. 1:9). Nesse sentido, achava-Se Ele completamente "separado dos pecadores." Heb. 7:26. Aceitamos sem reservas as palavras da Santa Escritura que dizem que Cristo "não conheceu pecado." II Cor. 5:21. — *Answers to Objections*, págs. 392 e 393.